

AS YALORIXÁS DO RECIFE

Copyright©Lia Menezes

PESQUISA, DOCUMENTAÇÃO E ENTREVISTA

Lia Menezes

PRODUÇÃO

Triana Cavalcanti

ASSISTENTE DE PRODUÇÃO

Solon Pollansk

PROJETO GRÁFICO

Balão Comunicação

FOTOGRAFIA CAPA, ABERTURAS E ANEXOS

Emiliano Dantas

REVISÃO E ASSESSORIA DE IMPRENSA

Ronaldo Moraes

TRADUÇÃO FRANCESA

Christian Delon

REVISÃO FRANCESA

Sylvie Dauvillier

TRADUÇÃO INGLESA

Jorge Waquim

REVISÃO INGLESA

André Édipo

M543y Menezes, Lia, 1958 -
As Yalorixás do Recife / por Lia Menezes. –
Recife : Funcultura, 2005.
146p. : il.

1. YALORIXÁ – RECIFE (PE) – BIOGRAFIA. 2.
YALORIXÁ – RECIFE (PE) – ENTREVISTA. 3. CUL-
TOS AFRO-BRASILEIROS. 4. SINCRETISMO (RELI-
GIÃO). I. Título.

CDU 133.4
CDD 133.4

PeR – BPE





as Yalorixás
do recife por Lia Menezes

RECIFE, 2005

ÍNDICE

6	DEDICATÓRIA
8	INTRODUÇÃO
12	DONA BETINHA
20	DONA MADALENA
23	ENTREVISTA COM DONA MADALENA
30	NAÇÕES E SEITAS AFRICANAS
32	<i>NAÇÃO XAMBÁ</i>
33	<i>NAÇÕES NAGÔ, GÊGE E ANGOLA</i>
36	<i>A CULTURA BANTO</i>
40	MEMÓRIA DAS YÁS
41	<i>DONA BIU</i>
42	<i>DONA SANTA</i>
44	<i>DONA BADIA</i>
46	<i>DONA NIZE</i>
49	<i>DONA ROSA BELARMINA</i>
52	OUTROS REGISTROS
54	ANEXOS
54	<i>ARQUITETURA</i>
56	<i>CERIMÔNIAS E RITUAIS</i>
58	<i>INSTRUMENTOS E FERRAMENTAS</i>
60	<i>TRANSE</i>
62	<i>INDUMENTÁRIAS E ADEREÇOS</i>
64	<i>OBJETOS DAS MÃES</i>
66	AGRADECIMENTOS
68	BIBLIOGRAFIA
71	FRANCÊS E INGLÊS





DEDICATÓRIA

ESTE TRABALHO É DEDICADO A
TODAS AS YÁS, YABÁS E EKEDIS,
EM ESPECIAL
A NIZE BELTRON
ÀS FORÇAS ENCANTADAS
NANÃ, IANSÃ, OXUM E YEMANJÁ
AOS MEUS FILHOS
AMANDA, TAN
RAIO DE SOL E BRAZINHA
LIA MENEZES





INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

Pernambuco possui um dos pilares de sua identidade cultural expresso através das práticas dos cultos africanos que aqui chegaram pela violenta ação escravocrata. Um desses cultos, o yorubano, conhecido “Nagô”, encontrou condições para sua reprodução num processo que utiliza variações em que o sincretismo, numa complexa relação de interação entre religiões, se estabeleceu até o presente momento.

Os negros, durante os festejos católicos, por questão de segurança, não eram agrupados por nações/etnias de origem. Nessas festas eles aproveitavam o “espírito filantrópico” e dançavam de acordo com os hábitos dos senhorios, mas cantavam em sua própria língua. É que os senhores julgavam não haver perigo, apenas sinal de respeito aos santos católicos. Na verdade os cantos eram louvores de adoração aos deuses africanos, pedindo-lhes proteção.

As associações foram feitas a partir das imagens e até hoje perduram. Essa tentativa de relação entre santos católicos e as divindades africanas revela uma contribuição para a conversão de



negros ao catolicismo. Por outro lado, a dissimulação dos negros nos cultos ajudou a perenidade de suas crenças aliada ao mecanismo de resistência e luta pela liberdade.

Apesar do Nagô ser uma língua da grande Nação Yorubá (Nigéria), no Recife ela torna-se seita. Muito cedo a presença de outras etnias está registrada no Brasil, como os Bantos (Angola, Congo) que tanto influenciam o nosso vocabulário, culinária e danças, e os Gêges (Daomé – atual Benin). Mas foram os yorubanos que, por sua capacidade de congregação, influenciaram o modelo para os rituais de culto aos deuses absorvido por outras etnias.

Os terreiros (denominação dada aos templos africanos) de Candomblé (culto) no Recife sempre foram violentamente perseguidos. Associados aos demônios, à bruxaria e à loucura, eram controlados pela Secretaria de Segurança Pública e pelo Serviço de Higiene Mental (antigo centro psiquiátrico). Constantemente invadidos e destruídos pelas batidas policiais, seus sacerdotes e adeptos eram presos ou confinados nos centros psiquiátricos. Esse abuso contribuiu para o afastamento dos terreiros, que abandonaram o centro urbano e se estabeleceram nas periferias.

Para driblar a repressão, os terreiros, pouco a pouco, constituíram-se em sociedades carnavalescas como o maracatu que, por multiplicar-se rapidamente, fez com que as autoridades

retomassem com maior vigor suas investidas.

Mesmo com toda repressão e intolerância, o caminho continuava a ser percorrido e parte dessa resistência e coragem deve-se ao importante papel das Mães de Santo – as Yalorixás, dentro dos cultos africanos.

O feminino, segundo os yorubanos, adquire forma e conteúdo na força das águas doces e salgadas; nas riquezas naturais; no grande ventre terra; na condução dos espíritos dos mortos e na mais delicada e complexa tarefa: a de transferir os fundamentos de religiosidade e de interceder sobre o destino dos seus filhos, bem como de iniciá-los na seita.

Além desses papéis fundamentais, as Yalorixás, na sociedade contemporânea, assim como grande parte das mulheres, detêm a responsabilidade de mães de família, donas de casa e da mão-de-obra sub ou não remunerada. Estão ligadas à saúde, às artes e a perenização da cultura popular.

No Recife, encontramos inúmeros exemplos da força, do poder e magia das Yalorixás.

Dona Santa – soberana respeitada e temida, elevou e dignificou uma das mais antigas e puras expressões sincréticas do nosso Estado: o Maracatu de Baque Virado;

Dona Badia – zeladora exemplar, dedicada apoiadora dos carnavais



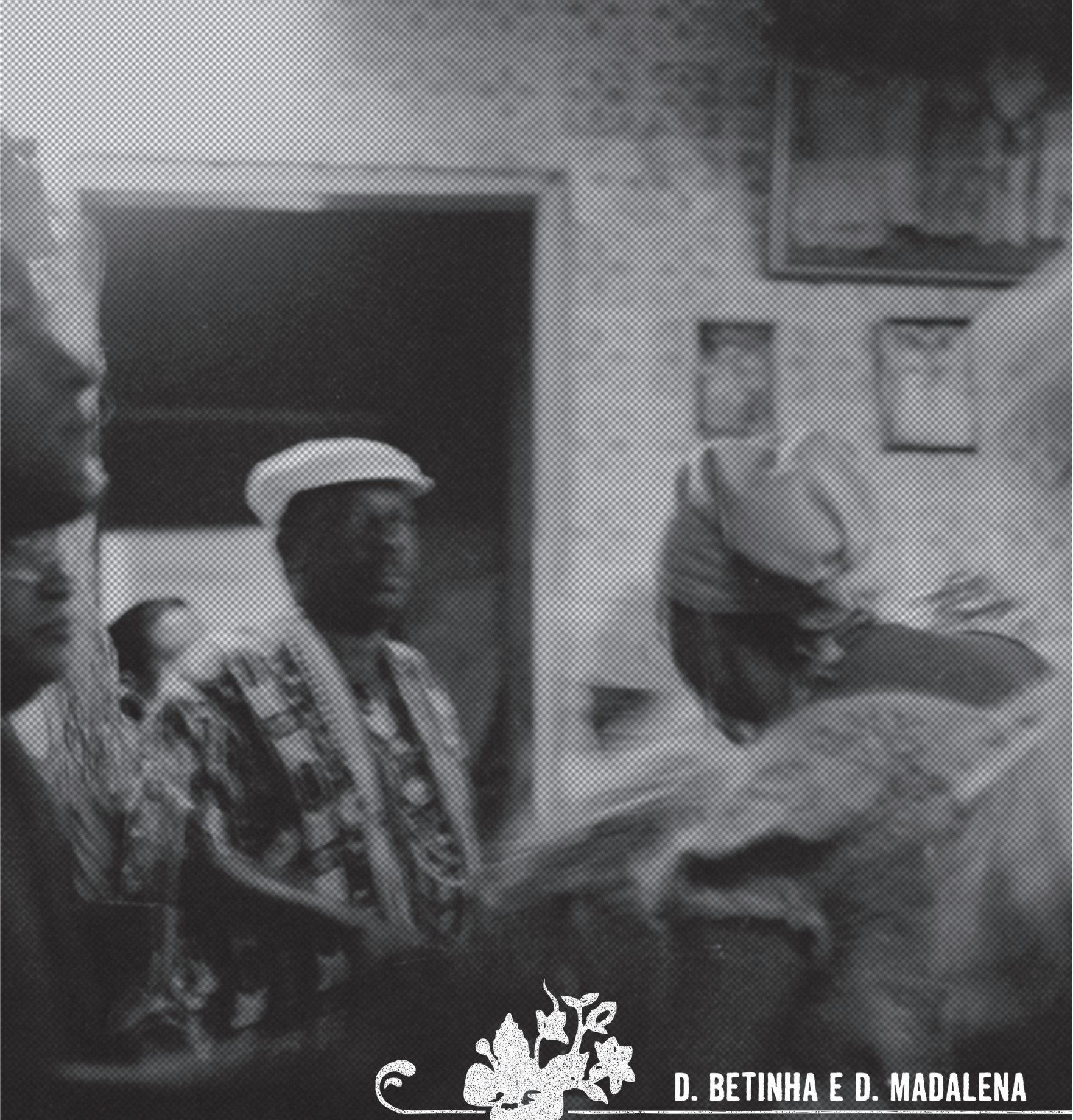
recifenses, do culto aos antepassados e da luta contra a discriminação racial ao lado de Solano Trindade, no Bairro de São José;

Dona Biu do Xambá – dedicou a sua vida e da sua família a perenidade do culto Xambá – seita cuja representação encontra-se apenas em Pernambuco;

Dona Nize Beltron – grande articuladora política das práticas de cultos afro no Recife. Conquistou a admiração e o respeito dos mais sisudos e incrédulos políticos do Estado.

E tantas outras que conseguiram mexer, ferver e oxigenar a vida política, social e cultural do Recife.





D. BETINHA E D. MADALENA



DONA BETINHA 1909 a 2002

Apresentamos com muito carinho um concentrado relato extraído das mais de dez horas entre depoimentos, encontros informais e consulta aos búzios, acrescido de 15 anos de convivência direta com uma das mais respeitadas Yás do Recife: Elizabeth de França Ferreira – Mãe Betinha.

Regida por Yemanjá Sabá¹, mãe Betinha atravessou 65 anos com o Axé Nagô ainda puro, ou seja, sem variações ou assimilação de contemporaneidade.

Quando voltei a reencontrá-la, fazia uns 25 anos que não tínhamos contato. Para minha surpresa, quando, por telefone, me identifiquei pelo meu apelido de infância, ela imediatamente repetiu o meu nome completo. Era a minha avó Beta. Com a mesma voz de cor e tom altivos.

¹ Yemanjá deriva do YeYe Oman Ejá que significa “Mãe cujos filhos são peixes”. Yemanjá é um orixá dos Egbás, antiga nação yorubana situada na Região de Ibadan (Nigéria), onde ainda corre um rio em seu nome. Assabá/Sabá é uma qualidade de Yemanjá cujas características são a de ser manca, de sempre está fiando algodão, ter um olhar insustentável e que por isso só fala com as pessoas meio de perfil ou de costas para elas. Lydia Cabrera – Yemanjá y Ochum; Kariocha, Iyalorixas y Olorichas, 2ª Ed. NY, Ed. CR. 1980



Durante as entrevistas e encontros respondeu-nos tranquilamente, como numa conversa de quintal, a tudo que lhe perguntamos.

Por causa da sua simplicidade resistiu ao quesito visual diante das câmeras. Mas com a ajuda de Marta Naíra, sua única filha, foi convencida a vestir um dos seus belos vestidos em tons de azul claro. Evidentemente, as cores de Yemanjá.

Mãe Betinha viveu para o culto Nagô. Com ela passei grande parte da minha infância no seu terreiro, no bairro do Brejo. Adorávamos o terreiro. Era um pequeno sítio com cacimba, uma grande gameleira (árvore sagrada), ervas para todos os usos e várias fruteiras: jaca, fruta-pão, cajá, manga, goiaba, pitanga...

Movimentado com muitos rituais; cerimônias - várias secretas e raras - como a festa do Inhame; sessões de mesa branca e os toques²; o terreiro foi responsável por momentos valorosos e inesquecíveis, tanto para mim como para tantas outras pessoas.

Conheci cada palmo daquele terreiro e, em algumas ocasiões, tive o privilégio de colher folhas essenciais às cerimônias. Evidentemente, ela revelou-me como invocar o Orixá dos vegetais – a deusa Dadá.

Às vezes era melhor levar uma surra a ter que encarar o seu castigante e silencioso olhar severo.

Respeitava as crianças. Não admitia que elas fossem maltratadas. Todas a temiam, mas a adoravam sobretudo quando chegava o dia da festa para os Ibejis³.

A festa de Cosme e Damião era o paraíso infantil no terreiro de mãe Betinha:

o Garaxó⁴; pipoca doce e salgada; farinha de milho torrada; rapadura, confeitos, brinquedos e o maravilhoso chocolate peixinho.

Nada era igual ao munguzá⁵ e ao acarajé⁶ feito no terreiro de Mãe Betinha.

Foi lá que aprendi a dirigir uma cozinha para os Orixás ora mantendo o fogo de carvão e lenha, ora temperando e cozinhando as oferendas. Tarefa que continuei no terreiro de minha mãe, Dona Nize Beltron.

D. Betinha foi uma mulher de extrema coragem. Conquistou o respeito das autoridades policiais e políticas. Foi mãe solteira, assumindo isso com muita naturalidade e dignidade. Estudou até a 4ª série primária na escola particular de D. Nelmia Duarte, mas considerava-se analfabeta. Porém várias teses de pós-graduação, assim como livros sobre o Candomblé, foram escritos sob sua orientação.

2 Toques - Festas para os orixás com dança e cânticos, sempre após algumas oferendas.

3 Ibejis – Gêmeos crianças.

4 Garaxó – Garapa de frutas cítricas – abacaxi, laranja, carambola, limão e gengibre.

5 Mungunzá ou muguzá – Caldo de grãos de milho cozido com leite de coco ou de gado.

6 Acarajé - Bolo de feijão frito no azeite de dendê



Articulou bem as idéias e conceitos até o último dia de sua vida.

Confessou-me sua preocupação em deixar sucessores. Yemanjá proibiu prevendo provocar disputas ou rivalidades internas, muito comuns nos centros com esta significação e trajetória.

Mãe Betinha nasceu no bairro do Espinheiro em 29 de novembro de 1909 e faleceu no dia 29 de junho de 2002.

Ficamos órfãos, porém o Axé plantado continua operando para os seus filhos.

Seu pai foi dono do Jornal O Correio e depois chefe da Coletoria da Great West (Companhia Ferroviária). Faleceu sem saber que ela era Yalorixá. Segundo ela, "ele detestava o espiritismo".

Desde muito jovem vivia doente e não conseguiam descobrir a causa de sua fraqueza orgânica. Através de um amigo da família, foi recomendada a visitar um centro kardecista.

"Minha mãe, escondida do meu pai, me levou a um centro kardecista. Sai doente para lá. Quando cheguei lá, disseram que eu era mediúnica, que eu era serva de Jesus. Eu não quis me desenvolver. Piorei, piorei e fui me desenvolver. Dentro de um ano eu fui desenvolvida. Recebi espíritos, pregava a doutrina e desenvolvia médiuns. Trabalhei muito no espiritismo.

Depois que eu estava no kardecismo casei pela primeira vez. Digo casar porque é mais bonito. Eu sou mãe solteira. Não nego nunca isso".

Sonhava sempre com os Orixás, com cerimônias, recados e adoeceu



Dona Betinha

novamente. Foi quando a levaram a uma mãe de santo no Pina. Era sua primeira vez junto a uma Yalorixá, que ao vê-la disse:

- *Uma filha de Yemanjá na minha casa!*

Mãe Betinha disparou:

- *O que a senhora quer dizer com isso?*
- *Que a senhora tem Yemanjá, que é a sua mãe, dona da sua cabeça.*
- *Eu não entendo nada. Esse negócio de Yemanjá é coisa de candomblé?*
- *É.*
- *Eu vou embora! E me retirei.*

Continuando muito doente, levaram-na ao médico e ela não melhorou. Um amigo a levou até D. Rosa Belarmina, posteriormente sua mãe de santo, que era vizinha próxima em Tejipió. Chegando lá Mãe Rosa falou:



- *Eu não vou olhar a senhora agora. Mas vou levar a resposta na sua casa. Mãe Rosa levou a resposta com o marido dela na mesma semana e disse:*

- *Eu olhei para a senhora e vi que és filha de Yemanjá com Oxum. Mas eu não boto a mão na sua cabeça enquanto a senhora não entrar em acordo com a sua corrente dianteira, o Arassalé.*

- *O que quer dizer Arassalé?*

- *Quer dizer sessão de mesa branca.*

Ela compreendeu que era o Kardecismo e foi falar com os seus guias que a apresentaram a Yemanjá, assim dizendo:

- *Se ela cumprir com a missão que ela veio para ter ela está parabenizada, porque é uma necessidade e porque a irmã é uma missionária.*

Apesar de ser filha de Yemanjá, a sua primeira manifestação foi com Oxum:

- *Foi numa festa pra Cosme e Damião. Eu estava no sereno⁷ e o Xangô de Mãe Rosa me puxou. Eu gritava que não queria e ele agarrado na minha cintura. Depois de algumas voltas eu não lembrava de mais nada. O pessoal disse que Oxum dançou muito, tomou banho, fez tudo, sem eu nunca, na minha vida, ter ido a lugar algum. O pessoal achou que eu era mentirosa. Achavam que eu não queria dizer qual era o terreiro.*

O pai de D. Betinha já havia falecido quando ela foi consagrada (ritual p/ o sacramento de Pai ou Mãe de Santo) em 1937. Aquele foi um ano de muita turbulência política no Estado com a saída de Carlos de Lima Cavalcanti e o início da intervenção de Agamenon Magalhães no Governo. Fato que a fez não abrir imediatamente o seu terreiro.

Mesmo assim, as poucas cerimônias e algumas consultas que realizava despertaram suspeitas e ela foi detida e submetida aos exames realizados no Serviço de Higiene Mental, pela equipe de Dr. Ulisses Pernambucano.

“Eu fui para o Brasil Novo⁸! Quando eu estava no Brasil Novo chegou um grupo de mulheres. No meio delas tinham três que eram minhas clientes – mulheres de vida fácil. Quando elas me viram disseram: minha velha que crime a senhora cometeu pra estar aqui neste lugar onde a gente vai ficar? Respondi: e eu sei? Mandaram me buscar. Eu estou aqui.

Eu só não vim no tintureiro⁹ porque na frente da minha casa morava um sargento de polícia e ele não deixou os camaradas me levarem no tintureiro. “D. Betinha não merece ir no tintureiro. Ela não é criminosa para ir no tintureiro. Eu vou alugar um táxi e vou levá-la e vocês vêm no carro comigo e ela”. Mas eu ia no tintureiro e não dava a menor importância.

Lá no Brasil Novo eu não chorei, não me encrenquei. Veio o pessoal conhecido, o advogado, essa gente toda e o Dr. Fábio Correia me soltou. Dr. João Buril era diretor do Gabinete de Identificação e me conhecia desde menina. Conhecia a minha família toda. Minha mãe foi lá chorando pedir pra me soltarem. Ele disse: não se incomode que Betinha sai hoje mesmo. Ele telefonou na frente da minha mãe para Fábio Correia, que era muito ríspido. Quero que você entregue D. Betinha, a moça que você prendeu aí. A mãe vai buscá-la. Eu quero que você entregue ou vou pessoalmente buscá-la.

Não. Pode mandar a mãe dela – respondeu Fábio Correia

7 Sereno - Lado externo de um terreiro, local onde os não adeptos ou convidados assistem aos toques.

8 Brasil Novo – Delegacia de Polícia no período Vargas

9 Tintureiro - Carro da Polícia



Dona Betinha foi uma das tantas vítimas da arrogância e da intolerância religiosa que reinava nos anos 30, em nome de um “Brasil Novo” da ditadura de vitrine populista de Getúlio. Mesmo liberada, vinte e quatro horas depois o mesmo Fábio Correia mandou buscá-la novamente. Outra vez, continuou firme. Dando um dos mais belos testemunhos de consciência de direitos:

- Quando foi no outro dia, ele mandou me buscar novamente para fazer uma entrevista com ele. Ele disse assim:

- Tá vendo ela (eu era bem magrinha na época) de uma família decente, direita, o pai dela é político, dono de jornal (meu pai era dono de jornal) muito conhecido. Quando acaba, ela foi se meter com esta gente baixa, com esse negócio de sacrifício de bichos, de cantar aquelas coisas feias, aquelas danças... anarquizou com a Seita Africana. Que tudo isso é mentira. Ela se meteu nisso e se enrascou. O que a Sra. me responde disso?

- Eu respondo nada. Somente que o Sr. me prendeu. Eu sei que não sou criminosa, nem assassina, nem ladra e nem sou mulher sozinha. Eu sou decente! Aí ele chegou e disse:

- Bem, agora eu vou lhe dizer uma coisa: se a Sra. voltar a ficar convivendo com essa gente e praticando essa seita indigna, eu vou mandar lhe buscar de Tejipió até aqui a pé, com dois guardas. Aí eu olhei pra ele e disse:

- Duvido, Dr. Fábio Correia!

- Duvida?!

- Duvido! Porque eu sou cidadã brasileira. Não sou criminosa, não sou assassina, não sou ladra. Por que é que o Sr. vai me trazer de Tejipió até aqui? Eu sou sua escrava? Nem alguma criminosa? Criminoso não vem assim, vem de “tintureiro”. Não acredito nisso, não. O Sr. está faltando com a verdade e eu não aceito isso. Aí, ele deu um murro na mesa.

- Tá vendo como ela é ousada?!

- Aí, os camaradas se levantaram e olharam pra mim e eu bem séria. Aí, ele disse:

- Eu não quero mais... Quase que eu dizia pra ele: seu pai e suas tias são meus clientes, veio me consultar várias vezes. Porque eu não quis. Não tinha nada que denunciar. Ele disse:

- Eu não quero mais negócio com a senhora. Pode ir embora.

- Aí, ele me mandou para o gabinete de identificação, onde se é fichado. Eu não sabia. Quando cheguei lá, o camarada disse:

- Menina qual o seu crime?

- Crime!? Eu não cometi crime nenhum.

- Por que Fabinho mandou lhe fichar? Aí, eu disse:

- Eu faço parte da Seita Africana. Sou Yalorixá e tenho um terreiro. Ele disse:

- Mas isso não é crime.

- Mas ele mandou me fichar.

- A Sra. não se importa? Eu disse:

- Não Senhor. Não dou a mínima.

- Fiquei fichada. Bom, passados, mais ou menos, uns dois anos, um amigo de Castilho¹⁰, dono da casa Águia de Ouro, era amicíssimo dele e era da polícia. Castilho falando, ele disse:

Eu vou saber dessa ficha de Betinha. Quando ele chegou lá disseram assim:

- Dizem que ela é curandeira. Com o laudo de curandeirismo ela não é condenada a nada.

- Mas eu quero que a ficha dela seja consertada. Aí consertaram. Fez uma nova folha corrida e botaram: não tem antecedente.

Sobre o feminil no Candomblé, ela nos revela o fazer de sua mãe de santo

- Mãe Rosa Belarmina que veremos posteriormente - da qual foi uma das três pessoas que conseguiram receber as raízes profundas do Nagô.

10 Antônio Castilho de Matos – Segundo marido de D.Betinha.





Consagração de Yá Kekerê - Dona Amara

- *Minha mãe de santo era tudo. Tudo era ela que fazia. Ela nunca deu a ninguém. Quando ela me consagrou ela me deu o jogo dos búzios, mas disse que só podia jogar depois de três anos de consagrada, e eu já olhava antes de me consagrar. Mas não o jogo de búzios. Porque sonhei com uma preta me ensinando a jogar com uns búzios amarelinhos que dão na praia. Então eu fui à praia e apanhei os búzios. Eram com 7 búzios que ela me ensinou. Aí eu comecei a jogar e ganhei muito dinheiro com esse jogo.*

- *Mas eu não sabia que era negócio da Seita Africana. Eu tinha desenvolvido mediunidade e mãe Rosa viu esse jogo e disse que ele não pertencia à Seita Africana. Aí me consagrei e ela me deu o jogo e disse que eu só podia jogar depois de três anos. O certo é com 7 anos. Mas eu o ganhei por causa dos sonhos que contei pra ela e das coisas que eu sabia dos africanos.*

- *De forma que eu sou igual à minha mãe de santo, eu sou tudo no meu terreiro. Agora eu ensino aos meus filhos de santo. Minha mãe ensinou-me e a mais dois filhos de santo e a mais ninguém ela ensinou.*

- *Ela me queria muito bem. Eu fui a primeira filha de santo dela. Por minha*

causa ela teve um terreiro. Mas mãe Rosa não ensinava, não. Ela dizia que não ensinava. A mim ela ensinou. Mas ela não queria me dar obé (faca) e nem quis me fazer Yalorixá. Yemanjá baixou e disse a ela que eu tinha que ser Yalorixá e ter obé. Ela tinha me dado jogo e que o obé e Yalorixá ela tinha que dar. Aí, ela teimou com Yemanjá e Yemanjá disse: eu preparo os Axés e você bota nela. Foi ela quem me disse depois. Foi minha mãe que botou os Axés em mim, mas ela não jogou, quem disse tudo foi Yemanjá. E é por isso que eu não posso cortar para minha mãe.

Pergunta - *Quem cortava no terreiro?*

- *Eu preparei um Axogúm¹¹. No meu terreiro é Zé Amaro. Antes de Zé Amaro era Marieta, a minha 1ª filha de Santo. Depois foi D. Ana, e o terceiro é Zé Amaro. Yemanjá queria que fosse Joãozinho, mas ele não se consagrou logo e Zé Amaro quando chegou lá se consagrou. Ele só tinha feito Obori (cerimônia para a cabeça) com Nize. Ele se consagrou comigo. Aí Yemanjá o colocou como Axogúm. Ela não*

11 Axogúm – Encarregado pelos sacrifícios aos orixás.



podia ficar sem receber sangue e ela não aceita que eu corte pra ela. Porque obé, essas coisas, quem me deu foi Yemanjá. Agora, os Axés ela preparava e mãe Rosa dava a pulso. Ela mesma me disse que não gostava de dar obé, nem fazer filho de santo nenhum, Yalorixá ou Babalorixá. Ela fez com Yemanjá.

Pergunta – Sobre o cotidiano do terreiro e o calendário

- Eu faço em janeiro e festejo os santos de Zé Amaro e festejo os meus – Nanã, Omulu e Xangô. Passa fevereiro e março, é a páscoa – Olorogum. Abril, tem os filhos de santo que são filhos de Ogum. Aí, eu dou comida para meu Ogum e a Odé que eu tenho. Em julho, é a festa das Oxuns. Em agosto eu festejo os Exús. Yemanjá Sabá não permite dar comida (oferenda) a nenhum Orixá no dia 23 e 24, a não ser Exú. Ela não permite. Posso botar uma fruta para o santo, coisa pouca. Mas a festa é toda de Exú. Setembro, a festa é de Cosme e Damião. Ela também não permite que se dê nada a outro santo, a não ser a Cosme e Damião. Depois de muitos anos ela permitiu que se fizesse um quarto para o peji dos Exús. Só fica no peji dela o Exú Ogan, que é mensageiro de Babá. Até o Exú Mensageiro dela é no peji (quarto para os Orixás) dos Exús.

Pergunta - Sobre a festa do Inhame

- Em outubro faço o corte do inhame. É uma festa agrícola. O dono da festa é Babá, porque foi ele quem escolheu que é para nunca faltar comida (gingé) na casa dos filhos de santo. Tanto que o filho de santo correto só come inhame depois da festa até dezembro, e fica sem comer novamente inhame.

- Só em dezembro é a festa de Yemanjá. Eu festejo em janeiro, festejo abril, julho, agosto, setembro e dezembro.

- Fazemos tudo de branco. Mas não fazemos com toque. Agora, o Olorogum, que quer dizer a páscoa na Seita Africana Nagô, é parecida com a da Igreja Católica.

Mas Yemanjá só não deixa cobrir os santos. Mas no peji da minha mãe de santo, ela cobria com tecidos lilás. Cobria todos os santos. Agora, Yemanjá Sabá não quer que eu cubra. Agora ela faz os saquinhos dos Axés com folha de Peregrum e a gente fecha e só abre o peji no sábado de Aleluia. Às vezes ela exige um toque, onde só baixa os santos dos filhos consagrados vestindo as suas indumentárias de consagração. Fazemos o toque com os saquinhos a tiracolo, os Axés para dar às pessoas. Depois os santos vão embora no peji. A gente canta uma toada principal deles e eles cantam outra e depois se canta sempre a principal – uma toada de Olorogum. Aí,



Dona Madalena



dali a gente marca e fecha o pegi. Bate na porta e diz: akodalá, akodalá – que quer dizer até breve. Despede-se dos Orixás. Só no sábado de aleluia a gente abre, pede licença, se ajoelha na porta, pede licença, bate palma, salva os Orixás e abre a porta. Só quem pode fazer isso é o Babalorixá ou a Yalorixá que usar isso. Eu uso porque a minha mãe de santo fazia isso.

Pergunta - Sobre Ossé¹²

- O certo, na linha Nagô, é se fazer de 8 em 8 dias o Ossé de Babá. Agora mãe Rosa dizia que a gente podia botar um pireszinho nos outros Orixás. Mas o verdadeiro Ossé é de Babá. Se botar 3, 4, 5 travessas de arroz com mel, chama-se Elebô. Mas faz tempo que eu não faço. Eu, às vezes, faço de mês em mês. Tanto que o pessoal tá dizendo que eu estou apanhando de Yemanjá. É nas sextas-feiras. Mas eu não posso fazer nas sextas. Ela permite que se faça nos sábados, porque a maior parte dos meus filhos de santo trabalha. Então aí ela permitiu. Mas aí ela quer que eu faça. Que não seja de 8 em 8 dias, mas de 15 em 15 - duas vezes ao mês. Eu não tenho feito nem uma vez. Eu apanho, mas o pessoal aqui não acredita nisso, não. Ela não respeita idade. Idade não tem nada com Orixá.

Pergunta – Sobre as bebidas de Ibeji

- Vou fazer o Garaxó e o Xeketê. O Garaxó é uma bebida mais comum. Mas a verdadeira bebida de Orixá é feita do milho, da casca do abacaxi e a que é feita do milho, que é o Xequetê. A do abacaxi, me esqueci agora do nome. Tem um nomezinho. É uma bebida africana. Bota o abacaxi para ficar azedo com gengibre para fermentar. E o Xequetê também, bota 3 dias antes o milho para ficar fermentado. Aí, se bota o gengibre branco, rapadura e açúcar. É milho, não tem fruta, não. Agora, o Garaxó é feito de laranja, de maracujá, qualquer fruta. Agora, ultimamente o pessoal bota, às vezes, maçã, bota pêra, mas isso não pertence ao Garaxó. Apesar das frutas serem do Orixá.

Pergunta - Se não fosse mãe de santo, o que seria?

- Nunca pensei até o momento.

Pergunta – Sobre aposentadoria

- O pessoal conhecido meu, minha família, aqui diz: a Sra. já devia se aposentar. Aí eu digo: a minha aposentadoria existe. Quando é? No dia em que eu for me enterrar.

12 Ossé – Cerimônia cuja oferenda é dedicada a Orixalá, feita com arroz doce e frutas. Normalmente todas as sextas-feiras do mês.





foto: Piu Figueiroa

DONA MADALENA 1900 a 2002

NAÇÃO ELEFANTE

Um dos mais antigos maracatus de Pernambuco e de todo o Brasil. Foi criado em 15 de novembro de 1800, no bairro da Ribeira da Boa Vista, atual Boa Vista, no Recife (PE). Entre seus principais fundadores estava o escravo Manoel Santiago, também instituidor do já extinto Maracatu Brilhante.

A escolha do elefante como nome e símbolo da agremiação deve-se ao fato deste animal ser protegido por Oxalá, um dos muitos Orixás do Candomblé.

Uma das peculiaridades deste maracatu é o costume de conduzir três calungas (bonecas) ao invés de duas como é comum aos outros maracatus. São elas: Dona Leopoldina, Dom Luís e Dona Emília que representam os Orixás Iansã, Xangô e Oxum, respectivamente. Outra característica singular do Nação Elefante é o fato de ter sido o primeiro a ser conduzido por uma matriarca - até então os maracatus sempre tinham sido regidos por uma figura masculina.

Sua principal rainha foi Dona Santa -



Maria Júlia do Nascimento. Ela reinou no Elefante de 1947 a 1962.

Sua importância como rainha pode ser constatada num trecho de uma matéria publicada em 1965, pelo Jornal do Commercio do Recife:

“Exercia grande autoridade entre seus vassallos e mesmo as outras entidades a respeitavam, era ela a figura de destaque dos nossos carnavais e o seu prestígio não diminuiu nem mesmo com o aparecimento do Rei Momo”.

Após a sua morte, a figura respeitada e emblemática da rainha virou mito. Dona Santa deixou registrado em estatuto que ninguém deveria lhe suceder na hierarquia da Nação, sendo também seu desejo que o acervo do Maracatu Nação Elefante fosse doado ao Museu do Homem do Nordeste.

Em 1964, conforme vontade da ex-rainha, sua filha doou todo o acervo da agremiação ao museu, órgão ligado ao então Instituto Joaquim Nabuco, hoje Fundação Joaquim Nabuco.

Por mais de 20 anos não se ouviu falar no Maracatu Nação Elefante, até que, em 1985, Dona Madalena, antiga rainha do Maracatu Leão Coroado, por indicação do Sr. Luiz de França, resolveu colocar o Maracatu Nação Elefante nas ruas do Recife, iniciando a polêmica segunda fase da agremiação.

De acordo com alguns pesquisadores, entre eles Roberto Azoubel, o Maracatu Nação Elefante retomou seus cortejos com um grupo de mesmo nome,

tornando-se o maracatu mais antigo do Brasil ainda em atividade.

Um dos grandes momentos dessa retomada foi uma excursão à Europa nesse mesmo ano de 1985, viabilizada pelo Instituto de Música de Berlim. Ninguém sabe precisar ao certo até que ano Dona Madalena desfilou como rainha. Sabe-se apenas que a coroa da Nação foi entregue oficialmente à sua neta, a Yalorixá Rosinete, em 1997.

No entanto, o reinado de Rosinete durou pouco. Em julho de 2002, ela foi brutalmente assassinada a tiros de pistola na sede da agremiação, onde também era a sua residência, localizada no bairro da Bomba do Hemetério, na zona norte da capital pernambucana.

Com graves problemas de saúde e ainda abalada pela perda da neta, Dona Madalena faleceu em novembro do mesmo ano. Em 2003, a agremiação foi presidida por Nilton Constâncio de Oliveira, consagrando como rainha Mary Pessoa de Mello, que assumiu o posto com apenas 12 anos de idade.





Dona Madalena - manifestação com Ogum

ENTREVISTA COM D. MADALENA

A entrevista com Dona Madalena (Maria Madalena dos Santos) foi surpreendente. Quando chegamos ela não queria falar muito, mas o Ogum Talaxó veio em nosso socorro:

- "O que é que a mulher e o homem querem de Ogum"?

- Nós viemos conversar com D. Madalena, mas como o Sr. veio, nós ficamos muito contentes pela sua presença aqui. Viemos também para fazermos uma homenagem à D. Madalena.

- Aqui pertence, essa casa (Ylê) a Umbanda, mais na parte da Umbanda. Vim somente agradecer a presença do homem (okó) e da mulher (obirim).

Cantando:

Ogum hoje é o seu dia
Meus filhos vieram me saravá
Ogum hoje é o seu dia
Meus filhos vieram me saravá

Ogum, sou general da Umbanda
Mas Ogum é quem manda nos Orixás
Bis

Ogum, sou general da Umbanda
Acipa eu sou de todos os Terreiros Bis
Ogum protegei nossos filhos
Mas dos Orixás eu sou o 1º

Sabe o que é Acipa meu filho? Não?!
É aquele obé (espada)

- Aqui é o culto africano São Jorge, eu sou pronto no Nagô. Eu sou pronto aqui nessa parte. Mas eu venho daquela parte – a Umbanda, mas o meu pai Manoel Mariano, conheceu? Me preparou no Nagô. Eu muito agradeço. Eu faço as duas partes.

Pergunta: Qual é o seu nome?

- Ogum Talaxó

Cantando:

Prala Brada é um Bobô Nitobô
Prala Brada
Prala Brada Ogum Talaxó
É um Bobô Nitobô Otô Mio
Axé de Dada

- Ogum Talaxó. O meu pai (Babá) já está com Deus Olorum. O que consagrou o meu Ori (cabeça).

Cantando:

Ogum já vai, já vai para Aruanda
Ogum já vai, já vai para Aruanda
A benção papai, proteção para essa banda
A benção papai, proteção para essa banda
Ôra, ôra!

Ogum vai embora, Dona Madalena se refaz e continua dirigindo a entrevista.

- Eu tinha uma mestra, era a pior rapariga do Recife, a mestra Luziária. Depois eu tenho ela. Essa mestra um dia, ela fez eu, e eu sou de bar meu filho, eu sou de farra meu filho. Mas um dia eu vim do Recife, encontrei um velho, que era... risos, ele era de Madeira do Rosarinho. Ele gostava de conversar comigo, nesse tempo eu era forte. Ele disse: D. Madalena vamos tomar ali uma cerveja? Eu!? Eu quero nada, eu vou entrar em bar? Vamos. Aquilo disse vai. Eu entrei num bar. Eu bebi, eu comi cavala frita, pintei o sete, saí bêbada desse bar e vim para casa dando adeus ao pessoal do carro. Tá vendo como é a história? É por isso que eu digo: as pessoas que têm essas coisas é doido. Desde moça eu não ligava pra essa história de espírito. Eu tive uma história assim: uma vez eu trabalhava, eu tinha meus 15 anos. Trabalhava na Rua da Imperatriz. Eu trabalho tudo de pensamento. Aí, eu disse: meu Deus, nunca mais papai chegou aqui. Eu na cozinha fazendo o comezinho dos patrões e quando eu via: Madalena! Eu dizia quem é? Seu pai Gonçalo. Meu pai chegou, né? Quer dizer é assim. Às vezes eu falo, nunca



mais eu vi Sr. Fulano, quando vejo é aquela pessoa. Comunhão de pensamento. Eu digo nunca mais eu vi seu fulano, dona sicrana, quando vejo, aparece aqui.

Pergunta - Por que entrou no Candomblé?

- Eu entrei no Candomblé, porque quando eu estava na casa da minha mãe, no interior, no interior você sabe, tem cabras, essas coisas, né? Foram amarrar umas cabras, eu trabalhava no Recife, mas quando chegava na casa da minha mãe só queria andar. Foram amarrar umas cabras, eu fui também com os meninos amarrar as cabras. Que quando eu cheguei no meio do caminho aquilo me pegou no meio do mato. Eu olhei para os paus e só via aquele macaco subindo e descendo. Nisso, quando Ogum me incorporou eu corri para casa. Quando cheguei em casa, só não correu meu pai e minha mãe. Porque pai e mãe não desprezam filho, – risos – mas quem tava dentro de casa correu. Porque ele me pegou nos matos e eu cheguei gritando dentro de casa. Foi gente pela porta da cozinha, só ficou meu pai e minha mãe porque não iam me deixar. E depois, o Santo na Umbanda já vem falando. Ele só vem dando o Xé (gritos) e quando é da Umbanda, ele já vem falando. Aí papai e mamãe, coitados, ficaram tremendo de medo, os dois velhos. E Ogum disse que era Ogum, e eles sabiam lá o que era Ogum? Eles não sabiam de nada, coitados. Quando eu tornei: oxênte papai! Minha filha, entrou um homem aqui em você, dizendo que era um tal de Ogum e o povo correu, e eu não corri não, pra não lhe deixar, mas quem tava dentro de casa correu.

- Eu disse: oxênte papai, que história é essa? Foi, minha filha. Só não correu eu e Filina - que minha mãe chamava-se Filina. Nem eu e a Filina, mas ficamos morrendo de medo. Minha filha tá doida com esse homem.

Pergunta - É Umbanda com Nagô?

- No Nagô porque me preparei no Nagô. E Umbanda porque esse terreiro aqui é Umbanda. Ali é Caboclo e aqui é Orixá. Aí eu trabalho nas duas partes. Tanto na parte de Caboclos, como na parte dos Orixás. Tanto eu dou obrigações dos Orixás, como dou obrigação de desmanchar serviços na parte da Jurema.

Pergunta - Como foi escolhida rainha?

- Eu não fui escolhida. Tinha um Sr., que ele já subiu, o Luiz de França. Eu tava aqui, quando ele chegou e disse: Madalena, ele falava assim. Madalena! O que é Luiz? Quero que você vá ser a presidente do meu maracatu. Que não vou é esse? A gente quando é moça tudo é bom para brincar, né? Tá certo vou ser a presidente. Aí quando foi no carnaval, eu um bocado amostrada, mandei fazer um vestido de organza, bem bonito, bem rodado. Botei um diadema, bem bonito. Eu queria chegar mais bonita do que a rainha, como cheguei. A rainha era bêbada (risos) e eu queria ser mais bonita do que a rainha, como fui. A gente foi para cidade. Eu não bebo não, viu?(em tom de deboche) Mas caiu uma chuvinha fina, o maracatu entrou num bar e me deram um coisinha deste tamanho, meu filho, tão gostosinho, branquinho. Aí eu bebi o negocinho. Porque não amargava nem nada, mas danado pra pegar. Aí chegou o nosso querido Maracatu Leão Coroado. Eu com um vestido rodado, diadema bonito, forte - nesse tempo eu era forte. E quando eu saí desse bar, vi o pessoal tudo rodando na minha frente. E quando entrou na passarela, o maracatu bateu, tirou as toadas.

Cantando:

*Presidente, secretário, tesoureiro e orador
Presidente, secretário, tesoureiro e orador
Nação Leão no Recife tem valor
Nação Leão no Recife tem valor
(E as alfaias ê tim dim dum.)*

- Quando foi depois... alguém falou: quero uma toada tirada por uma baiana.



Eu digo uma coisa e volto pra trás. Tem uma toada que tem aqui dos espíritos, que diz que Exú tem duas cabeças, mas não é Exú. Agora, a pessoa boa é uma coisa e bêbada é outra coisa. A toada diz assim:

*Exú que tem duas cabeças
Que faz sua gira de fé
Num lado trabalha pro mal
E no outro com Jesus de Nazaré*

- Quando a pessoa tá boa é uma coisa, né? E quando tá bêbado... O maracatu entrou, eu com minha cabecinha um pouco azougada. Nós temos uma toada que vai ser tirada por uma baiana do Maracatu Leão Coroado. Aí Luiz disse lá, Madalena! O que é Luiz? Eu quero que você tire a toada. Porque não tira aí? Eu com a cabeça cheia, tirei. Eu gritei:

*Minha gente venha vê
O Leão onde anda*

*Ô Lelê Tabotá oi oi.
Ô Lelê Tabotá oi oi.
Viemos de Luanda
Minha gente venha vê
O Leão onde anda...*

- Aí pronto. Fomos embora para a festa. As negras começaram a dançar. Bora negra. E aí encheu a passarela. E eu naquele meio fazendo a maior bagunçada.

Pergunta - Foi aí que a Sra. tornou-se rainha?

- Não. Eu me tornei assim: eu era a presidente, aí a rainha era acabada, Geraldina, ela bebia muito. Aí o 1º ano que eu saí de presidente, o maracatu ganhou. Aí, foi tempo que ela subiu (morreu) e eu passei para rainha. Aí, eu fiquei. Fui coroada. A prefeitura me coroou. Eu fui coroada na igreja... Já faz uns 30 anos que eu venho fazendo folclore, que sou rainha.



foto: Luiz Lourenço

Ilús e São Jorge, terreiro Dona Madalena



Pergunta - No Elefante, como foi que foi rainha?

- A 1ª foi Dona Santa. Aí depois eu fiquei no lugar dela. Parece que foi D. Santa que ficou se comunicando comigo, porque toda vez que o maracatu ia visitar o sítio de Zé Romão, ele chorava. Ele dizia que quando eu entrava, trazia o jeito de D. Santa, num sabe? Ele dizia que eu trazia o gesto de D. Santa, aí ele chorava, o Sr. Zé Romão, que era o dono do terreiro. Que já subiu também.

Pergunta - Já foi casada?

- Duas vezes. Casei com um, matei; casei com outro matei, pronto. Ainda tive 3 namorados. Matei o povo tudinho. O que eu casei morreu; casei de novo, morreu. Tive o Luiz, você ouviu falar? O Luiz de França. Morreu.

Pergunta - A Sra. foi casada com ele?

- Não. Mas morou aqui. Morou comigo aqui, nessa casa. E o Paulo Viana, jornalista teve comigo também, morreu. É, o pessoal foi tudo embora. Mas que jeito que eu podia dar?

Pergunta - Dentro do Candomblé qual a importância da mulher?

(respondendo com candura)

- Eu acho que se não tivesse a mulher dentro do Candomblé não podia ser uma coisa boa, porque tudo acontece com um Okó (homem) e uma Obirim (mulher). Tudo tem que ser com um okó e uma obirim – A mulher e o homem. O Candomblé não podia ser como é. Não podia existir.

Pergunta - A Sra. joga búzios?

- Eu jogo e vejo o que tá existindo na pessoa.

Pergunta - A Sra. aposentou-se do Candomblé?

- Do Candomblé, não. Não me aposentei, não.

Pergunta - Teve momento que quis sair da

seita?

- Eu não tive essa sorte, porque eu sou muito antiga. Já fiz muita entrevista, já viajei muito com história de Candomblé e já viajei com o Maracatu Elefante para 3 países mostrando o carnaval de Pernambuco. Na França, Paris; na Alemanha e na Suíça. Da mesma forma que D. Santa fez. Eu andei tudo isso também.

Pergunta - Não pensou em desistir?

- Não. Porque se fosse uma coisa que eu quisesse, mas foi uma coisa dada por Deus, né? Eu não posso me desfazer desse quarto. Desse quarto e daquele quartinho ali, eu não posso me desfazer. Às vezes, quando eu tô aperriada, tenho vontade de..., mas não, só deixo a minha casa quando Deus me levar. Mas enquanto Deus não me levar, tem que levar até o fim, né? Agora, isso é parte de Candomblé, isso é parte de gira. É ... morre assim.

Quando perguntamos quem tinha feito o caboclo dela, D. Madalena respondeu que não era pronta na parte de caboclo. Só era pronta na parte africana e manifestou-se com a mestra Maria Luziária.

- Conheceu a Maria Luziária? A rapariga mais gostosa que tinha na cidade? Vocês conheceram? Você ouviu falar, querido, da Maria Luziária? Um dia a minha matéria estava numa delegacia, com essa história de Candomblé, e chegou um cara, e disse: Eu vim tirar aqui um prontuário de Maria Luziária para fazer uma festa. A minha matéria ficou assim ... de boca aberta. Aí chegou um homem e disse:, a Sra. ficou de boca aberta porque ouviu falar de Maria Luziária? Aí puxou o prontuário dela e mostrou que ela era a rapariga mais devassa do Recife. Vocês nunca ouviram falar de Maria Luziária? Nunca? Pois tô eu aqui! Quem não conheceu Maria Luziária não conheceu o Recife. Agora, eu era de bar, boate, beira de cais com meus machos



gostosos. Eu gostava de dançar, gostava de violão. Muito bom, minha vida material era isso. Vocês não me conheceram em vida material. Tá me vendo hoje, Maria Luziária do Recife. A minha matéria não cruza mais as pernas, mas comigo ela cruza. Então eu vou conversar um pouquinho com vocês.

- Na morte de Luziária todas as mulheres tinham raiva de mim, porque todos os homens eram meus. As mulheres não gostavam de mim, não. Elas tinham raiva de mim.

-Eu vou contar e pela toada vocês tiram

quem era eu.

(Canta) Na morte de Luziária...

*Na morte de Luziária
foi uma tarde de alegria
os homens todos choravam
e as mulheres todas sorriam.
Entraram aqueles homens
levando um preto caixão.
As despeitadas ficavam dizendo
eu descansei o meu coração.*

foto: Lia Menezes



Rainha Rosinete, Festival de Arte Negra, Belo Horizonte - 1995



As mulheres descansaram o coração porque eu morri. A Luziária só gostava quando tomava um homem de uma mulher. E quando eu passei deste mundo para o outro, os homens ficaram junto de mim. Minha passagem foi muito boa porque tinha muito homem. Gostei muito.

(Canta)

*Chorei meus homens se consolem
sou Luziária e Jesus já me chamou
sou Luziária e Jesus já me chamou
eu pedi a meu Deus antes da morte
os homens a meu lado a ouvir os meus
gemidos.
Na hora que eu parti, parti contente
porque os homens estavam comigo.*

Maria Luziária vai embora e Dona Madalena pede para se retirar. Com esforço, seu pessoal descruza suas pesadas pernas.





NAÇÕES E SEITAS AFRICANAS

NAÇÕES E SEITAS AFRICANAS

INTRODUÇÃO

Emoções sempre se transformam em oxigênio quando mostramos ou encontramos o tão poético viver Candomblé.

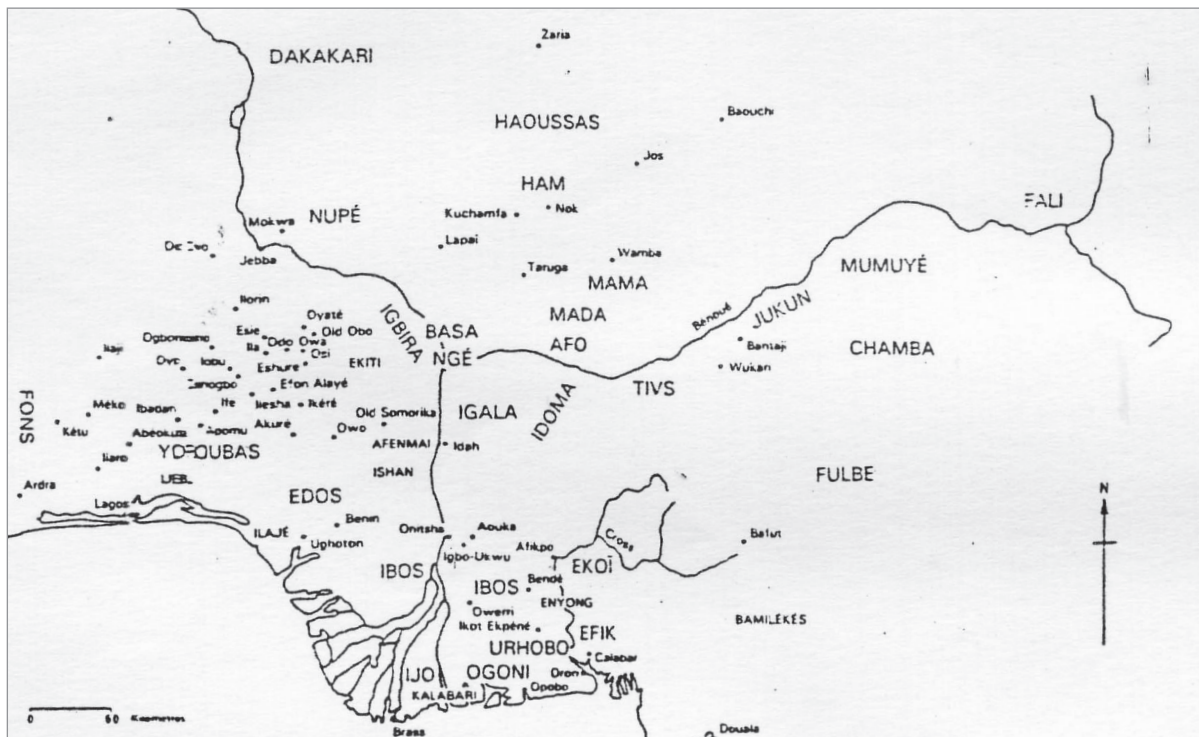
É prudente achar delicado conferir que se pode dever tudo que se tem, se é e está ao Candomblé. Porém, as páginas que se seguem revelam que pertencer ou estar adepto do Candomblé tem um peso, nascer nele tem outro.

Na fina intimidade, um terreiro é um coletivo físico e espiritual que a partir de uma mesma composição de forças (o Axé), todos se tornam um só diante dos planos da existência.

Como uma estrela o Axé pode passar por anos até um dia partir, depois de ter exercido a sua missão de luz.

O Axé é alimento primordial. O princípio ativo que se renova e se reafirma em cada oferenda/cerimônia, em cada consagração de filhos, em cada transe, entre outros.





Atribuo aos cultos acolher a perseverança como valor que sustentou o migrante africano escravizado que transcendeu à dor, à humilhação, à fome e até à morte.

O saber africano aqui plantado nas minas¹³ e nos tetos dos terreiros, há mais de duzentos anos, floriu com as cores e odores das suas essências. Sofreu adaptações ora para driblar a sanguinária ação escravocrata, ora as incursões inquisitoriais, ora a intolerância que conseguiu, à força, extinguir templos e incidência de expressões como a Capoeira em Pernambuco, por exemplo.

O Axé que aqui se expressa, apesar de toda evolução tecnológica e das variações naturais nos padrões comportamentais, sobreviveu, em muitos casos, em estado quase original.



Dona Maria de Oyá

¹³ Mina – Assentamento central de um terreiro



NAÇÃO XAMBÁ

O Chambá corresponde a um povo situado (hoje) entre a Nigéria e a República dos Camarões¹⁴. Foram expulsos de suas terras pela Guerra Santa (Jihad) dos Fulanis a partir de 1809.

Viviam em torno dos rios Faro e Deo, portanto de origem Sudanesa Yorubana.

A doutrina dos Chambás admite em um mundo cósmico cuja interação entre o Deus supremo, os mortos, as criaturas selvagens e homens constituem um plano comum de interesse diário.

Tudo o que ocorre no mundo, ocorre por vontade do Deus supremo e é requisitado também por ele.

Os mortos (Wurumbu), ao residir sobre a terra seguem o mesmo estilo de vida dos humanos vivos. E só podem perceber seus desejos e condições os seres que possuem visão especial.

Muitos símbolos foram projetados pelos Chambás e ainda podem ser encontrados, tais como máscaras de animais que são usadas tanto em ritual público como fechado, e que simbolizam a interação entre as criaturas selvagens e os homens.

Outros objetos como pedras coloridas, escudos e estátuas figurativas ainda marcam presença da cultura Chambá na África.

Poucos registros, além dos acima descritos, são encontrados sobre este

povo pacífico.

Mas ainda hoje podem ser achados indícios de tensão e conflito contra estes povos que tiveram a intolerância e a arrogância islâmica como grandes inimigos, bem como a tirania dos colonizadores ingleses e germânicos.

Os laços diretos com a Europa e a América do Norte, núcleos identificados como grandes centros de formação e produção intelectual, conferiu ao Recife ares de abertura ou aparente tolerância frente aos costumes e ideologias que insurgiram no início do século 20.

O 1º Congresso Regionalista do Recife (1926), influenciado pelos movimentos que eclodiram a partir da Semana de Arte Moderna, defendia a preservação de um perfil cultural entre as diversas regiões do Brasil e vontade crescente de autonomia para o Nordeste, é um exemplo marcante da efervescência político-cultural do Recife na década de 1920.

Assim, o início dos anos 20 foi o momento ideal para driblar as perseguições aos cultos africanos operando em Maceió, migrar para o Recife e fundar a Nação Xambá. Esta estratégia deve-se ao Babalorixá Arthur Rozendo Pereira, filho de Orixalá, iniciado pelo mestre Inácio, que instala na Rua da Regeneração, nº 1045 – Água Fria - a Seita Africana São João, cujos Axés foram adquiridos em Dakar – Senegal.

¹⁴ Nigéria Oriental e Noroeste da República dos Camarões/ site da Embaixada da Nigéria no Brasil



Faleceu em 16 de novembro de 1948, deixando inúmeras casas abertas por seus filhos de santos, tendo muitas se tornado Nagô, excetuando as casas de Mãe Lídia Alves da Silva e Mãe Biu do Portão do Gelo, em Olinda.

Hábil articulador, no início dos anos 30 alia-se aos Babalorixás Oscar Almeida, da Seita Africana Santa Bárbara (Nagô) e a Manuel Anselmo Reis Hipólito, líder da também Seita Africana Santa Bárbara (Gêge) e sensibiliza o médico Ulisses Pernambucano (1892 – 1943), diretor do Serviço de Higiene Mental e primo de Gilberto Freyre, a intervir junto às instâncias de controle e repressão para aliviar as duras ações sofridas pelos cultos. Desses contatos nasce um grande respeito pelos líderes religiosos e, em 1934, acontece o 1º Congresso Afro-brasileiro do Recife, do qual Gilberto Freyre é o organizador.

Em 1927, Arthur Rozendo consagra Maria das Dores da Silva – Maria de Oyá - e em 1930, esta Yalorixá, mesmo tendo o país mergulhado no autoritarismo impositivo da era Vargas (1930 a 1945), inaugura seu terreiro – Seita Africana Santa Bárbara, na Rua da Mangueira, nº 137, Campo Grande.

Maria de Oyá faleceu em 10 de maio de 1939. A causa direta de sua morte foi a dura perseguição policial ao seu terreiro. Invadiram, prenderam filhos e filhas, humilharam e destruíram seu peji. Depois, ela caiu em depressão e faleceu, deixando para continuar a missão, com

apenas 25 anos de idade, a Yá Severina Paraíso do Santos – a mãe Biu.

Devemos à família Paraíso a continuidade do Axé desta Nação que durante os tempos mais difíceis e duros da repressão, como os demais cultos, continuou existindo de forma clandestina, e em 14 de junho de 1950, com o apoio do Babalorixá Manoel Mariano, provavelmente para consagração da mina, inaugurou o Terreiro de Santa Bárbara – Nação Xambá, na Estrada do Cumbi, nº 1071, no bairro de Santa Clara em Olinda e depois, na rua Albino Neves de Andrade, nº 65, Portão do Gelo, São Benedito, em Olinda.

NAÇÕES NAGÔ, GÊGE E ANGOLA/ MOÇAMBIQUE

O povo yorubano da área Atlântica, que hoje compreende a faixa que vem do Senegal até parte da República dos Camarões, faz parte do grande complexo étnico conhecido como Sudanês que alimentou o mercado escravocrata brasileiro e cubano, cujo ápice de regularidade é registrado no final do século 18 e início do século 19. Lagos (Nigéria) tornou-se o porto negreiro mais importante do Golfo da Guiné.

A grande massa yorubana chegou para abastecer os campos da lavoura do recôncavo e mineração na área Diamantina; os trabalhos domésticos e venda de produtos no litoral de Bahia; em São Paulo e Rio de Janeiro, para os



trabalhos da área açucareira e cafeeira e os serviços braçais na corte; em Minas Gerais, na mineração e irradiaram para Goiás e estados limítrofes; para o Nordeste, na grande produção açucareira de Pernambuco, Alagoas e Paraíba; e para o norte, Maranhão, Piauí e Pará para as lavouras do algodão.

Das grandes e valiosas pesquisas do mestre Nina Rodrigues, Arthur Ramos e de outros pesquisadores, foram apontadas classificações culturais para os grupos africanos que aqui aportaram a partir da Bahia.

a) *CULTURA SUDANEZA - Yorubas*
ÁREA ATLÂNTICA - Ewes - Fanti-Ashantis

b) *CULTURA SUDANEZA - Haussas*
ÁREA ORIENTAL - Tapas
MAOMETANA - Mandingas - Fullahs

c) *BANTO - Angola-Conguenses -*
Moçambiques

A partir deste quadro podemos compreender melhor as misturas ocorridas que são refletidas nos diversos cultos de divindades afro-descendentes, e também como os yorubanos Nagôs adquiriram a preferência dos senhores assim como sua cultura foi amalgamada às raízes brasileiras.

O Nagô, na verdade, é um idioma, mas aqui assumiu a forma de culto. Era muito falado no Nordeste e seus representantes eram preferidos pelos senhores porque além de fortes, robustos e simpáticos, eram muito inteligentes. Dominavam algumas técnicas de plantio, elevação

de gado e mineração eficientes, e continham elevado grau de habilidade artesanal.

Estas qualidades garantiram aos Nagôs, mesmo com os grandes crimes cometidos à memória cultural africana, estudos e atenção de certa forma intensos, sobretudo a sua mitologia.

Os mitos yorubanos com a força do cotidiano foram fragmentando-se. Com o passar do tempo, muito se foi com os velhos mestres restando referências mínimas que foram fundidas às concepções ameríndias e europeias, bem como às dos outros grupos africanos entre si. Como foi o caso dos Gêges (Ewes).

Mesmo com adaptações, os cultos Nagôs¹⁵ ainda conservam traços cerimoniais e rituais idênticos aos nigerianos como nas danças para os diversos Orixás, rituais de passagem¹⁶, ebós¹⁷, utensílios, ferramentas e idioma dos cânticos que geralmente são constituídos de frase simples que sempre se repete, acompanhada pela marcação forte de tambores Rum, Rumpi e Lé ou de Ilús.

Além da influência na culinária (caruru, beguiri, vatapá, bobó, acarajé), na indumentária (saias rodadas, braceletes, jóias e xales), na escultura com madeira

15 Nagô – Era como os franceses chamavam os Yorubanos da faixa litorânea da Nigéria e do Benin.

16 Rituais de Passagem: Obori – 1ª cerimônia de força para a cabeça; Iaô – consagração do Orixá; Deká – consagração de Yá ou Babalorixá; Axexê – funerais

17 Ebó – Oferendas que são despachadas na rua, despacho.



e bronze/ferro (geralmente peças de culto), na arquitetura diretamente ligada aos templos e pejis, os Nagôs tiveram participação direta desde a nossa língua até a capacidade de fé.

Nina Rodrigues (Os Africanos no Brasil), afirma que a língua e o povo Nagô pertencem ao grupo guineano composto das línguas Ga, Tshi, Ewe e Yoruba e que tiveram importância e papel essenciais no Brasil. Também refere-se às culturas Ewe e Fanti-Ashanti como precedentes dos negros do antigo Daomé (atual Benin), que os franceses denominaram Evés ou Eués, os ingleses de Ewes e nós de Gêges.

Os Gêges ou Egêges, como os nativos se denominavam, aqui chegaram no século XVII, a partir das intensas relações comerciais com a cidade de Porto Novo, sendo a sua rarificação observada no século XIX. Vieram de uma faixa litorânea daometana das cidades como Ajudá (Whydad), do grande e pequeno Popó, Agbomi; da parte central chegaram as etnias Efan ou Fons de cara queimada (referência a uma tatuagem étnica feita com queimadura no rosto) e do Daomé mais ao Norte, os Mahis.

Todo o centro-norte africano que veio ao Brasil foi influenciado pela Cultura Yorubana, e o centro-sul pelos Bantos. Com os Gêges a regra não escapou inteiramente. Assim podemos observar que o Kebiosô daometano é o mesmo Xangô dos Yorubas; que Loko dos Gêges é o mesmo Iroko dos Nagôs; que Legbara

(Legba, Elegbara) Gêge é o mesmo Exú dos yorubanos Nagô – senhor das encruzilhadas – e que os Ibejis (gêmeos crianças) existem tanto no Nagô como no Gêge. Estas associações ou reunião de partes de um organismo retalhado, também ocorreram no Haiti, Cuba e República Dominicana.

O único traço Gêge que não sobreviveu na memória afro-brasileira foi o culto Dan ou Dangbe – a serpente sagrada, que constitui a base dos cultos Vodun no Haiti - transportado pelos escravos da língua Tshi.

No Recife alguns casos de serpentes, criadas dentro dos pegis pelos Gêges, encontram-se registrados no terreiro da Seita Africana Santa Bárbara do Babalorixá Manuel Anselmo Reis Hipólito, situado na Rua do Progresso, nº 13, Água Fria, e na Seita Africana São Jerônimo, na Rua da Mangabeira, s/nº, Mangabeira, do Babalorixá José Cláudio de Almeida¹⁸.

Estes tímidos exemplos no Recife (avaliem-se 4, no máximo 5 terreiros Gêges para 100 Nagôs), revelam a proporção da força Nagô também dominante em Pernambuco.

A cultura Fanti-Ashanti deixou poucos traços. Encontramos referências no Rio de Janeiro, onde negros da Costa do Marfim, Costa dos Escravos e do Ouro foram levados e identificados com as etnias Minas (Mahis, Cavalos e Mina

18 – Fernandes Gonçalves, Xangô do Nordeste, 1937.



Nagô). O termo Mina, para alguns estudiosos (Braz do Amaral, Oliveira Vianna, Arthur Ramos, Gilberto Freyre, entre outros) está cercado de mistério. Apontam apenas como termo Mina que resistiu, a palavra Bozó do Bossum que quer dizer feitiço, magia ou coisa-feita.

Já as culturas sudanesas, da parte mais oriental, têm um traço comum que é o Islamismo oriundo dos povos nômades do norte africano que aproveitaram as freqüentes disputas tribais e se instalaram durante os séculos XII e XV, entre eles os Solinkes depois Malinkes ou Mandingas, nos vales do Senegal e do Niger.

O povo Mandinga (do radical Mali ou Mani = hipopótamo) era totêmico de índole guerreira. Fundaram o Mali e eram considerados grandes feiticeiros. Daí o nome mandinga estar associado a eles. Com a decadência dos Mandingas a partir do século XV, outros reinos emergiram assumindo o seu espaço, entre eles os Songai (Songhai), Bambara e dos Haussa (Haoussa). Estes povos foram os introdutores do islamismo no Brasil.

Os negros islamizados não se misturavam aos de outras etnias, eram bem reservados, mas conseguiram se associar aos Tapas, Nagôs e Haussas para promoverem uma série de sublevações na Bahia entre 1807 e 1835, sendo a última a maior de todas e que ficou denominada a revolta dos Malês – outra corruptela dos antigos Mandingas. Todas

as revoltas promovidas pelos Malês tiveram caráter estritamente religioso, diferentemente dos Bantos que se revoltaram por questões econômicas e sociais no processo de formação dos quilombos e mocambos.

Outro fato interessante é o tipo de islamismo trazido pelos sudaneses, com características únicas que uniam versos do Alcorão com rezas místicas cabalísticas e práticas mágicas. Deles, temos como peças de representação os Abadás (túnica longa) e os Filás (tipo de gorro) tão comuns na atualidade.

A CULTURA BANTO

Data de meados do século XVI, através de documentos oficiais da colônia, a chegada de negros angolanos no Brasil. As numerosas etnias, dialetos, idiomas e um complexo sistema de mestiçagem religiosa foram as principais dificuldades para um estudo mais esclarecedor sobre este importante grupo cultural. Os bantos até pouco tempo ainda eram confundidos com os yorubanos, sobretudo nas diversas manifestações religiosas em que blocos inteiros de preceitos de outras crenças foram absorvidos ou incorporados as suas seitas ou religiões. Podemos verificar isto nitidamente na Umbanda.

Os bantos aqui instalados originam-se de diversas áreas do centro-sul da África, entre eles: Angola ou Ambundas, com a etnia Kassanges; do Congo ou Cabindas e da Região Estuária do Zaire;





Oferenda para Xangô - terreiro Umbanda

de Benguela e de Moçambique.

Entre os bantos existem incontáveis séries de deuses, espíritos e rituais. A Calunga é um exemplo disso. Para os angolas, era a denominação do mar. No Nordeste do Brasil, passou a ser um boneco que, no Maracatu de Baque Virado, representa a figura de um importante antepassado. Também o radical Mbanda está ligado à significação de feitiçaria, sacerdote ou lugar de culto – Quimbanda, Umbanda, Embanda.

O Quimbanda (sacerdote) presidia o culto angola e ditava os preceitos ou tabus – a quizila (variação de Quizília

= antipatia, aborrecimentos, rixa). O sincretismo com o catolicismo e o espiritismo é regra geral em todo o Brasil. São raras as cerimônias que não se iniciam com preces católicas e/ou orações de médiuns kardecistas. Na Umbanda, os diversos segmentos religiosos (exús, caboclos, orixás, pretos-velhos, ciganos, jurema e seus mestres e kardecistas) estão agrupados de acordo com os fundamentos das Correntes ou Nações.

A influência banto muitas vezes aparenta-se maior que a dos yorubanos. No entanto, podemos dizer que os

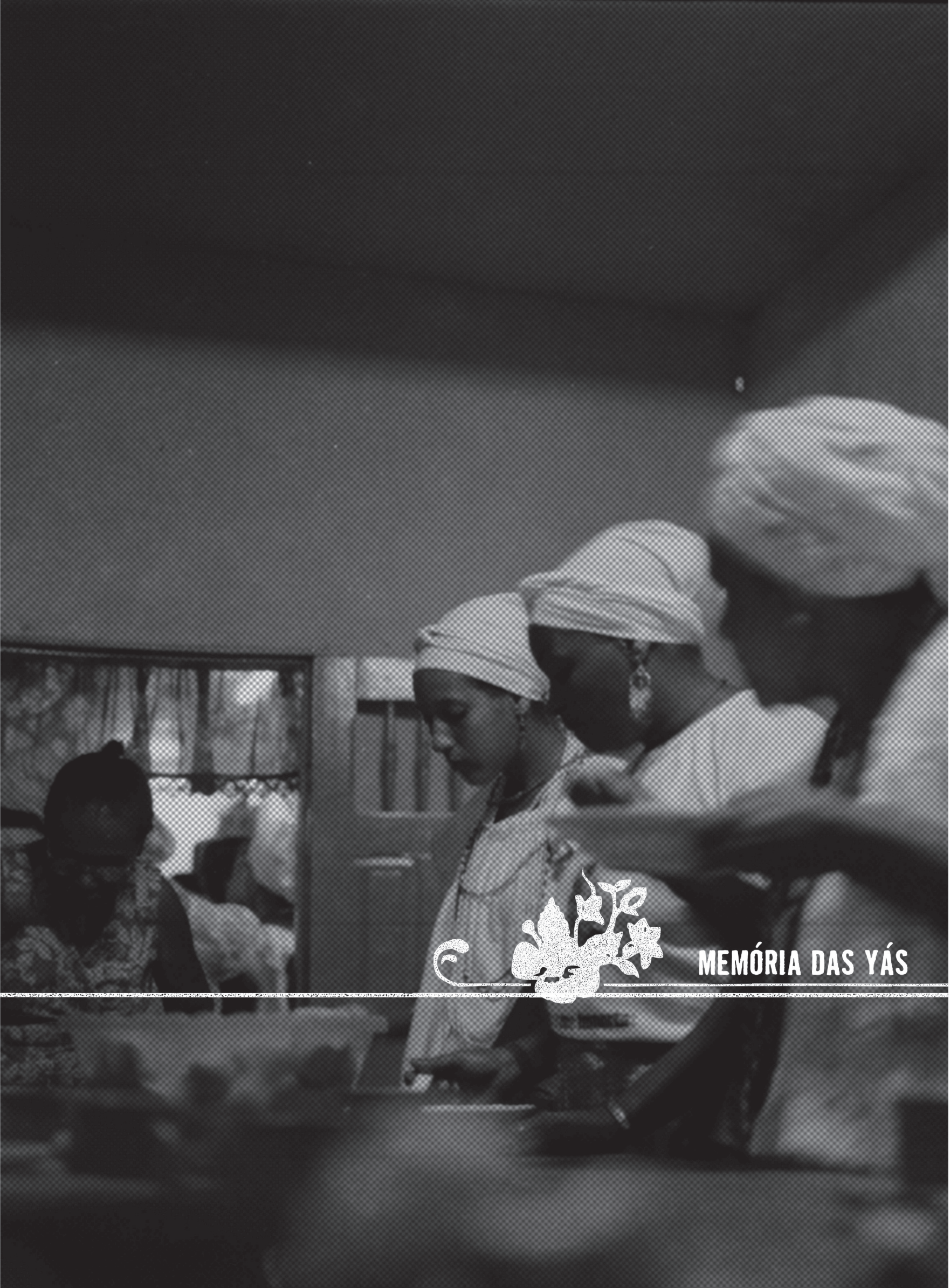


yorubanos foram mais organizados, mais experientes e, conseqüentemente, mais estruturados podendo suas crenças permanecer mais tempo com seus fundamentos originais. Por outro lado a música, a dança, um largo vocabulário, os tambores (ingono pernambucano é o mesmo Ngomba no Congo), a cúica (puita em Angola-conguense) fazem parte do grande legado banto no Brasil.

A palavra banto é o plural de Muntu (pessoa) e tornou-se expressão geral para designar os negros da vasta área sul-africana que falam as línguas banto.

O banto é um grande complexo lingüístico com aproximadamente 300 dialetos, sendo o quimbundo o de maior destaque e que, de certa forma, foi o responsável direto pelas alterações fonéticas, morfológicas e sintáticas operadas na língua portuguesa no Brasil.





MEMÓRIA DAS YÁS

MEMÓRIA DA YÁS

INTRODUÇÃO

As Mães de Santo aqui homenageadas pertencem a uma linhagem de mulheres que foram habilitadas pelo atavismo a conviver com os vários mundos. A ter paciência com a arrogância, com a indiferença e a dor. A dominar a raiva e resistir à ganância. Enfim, a buscar o essencial imperecível à vida. Pois é através da vida que se manifesta o espírito.

Ser uma Yalorixá envolve o se dispor às provas que educam o sentido entre equilíbrio e harmonia.

Doar-se sem se perder.

Romper com o seu individual e permanecer inteira.

A partir do seu, refinar o amor alheio.





Dona Biu

DONA BIU 1914 a 1993

Filha de Ogum, Mãe Biu (Severina Paraíso da Silva) nasceu no Recife em 1914, com sua família (Pai e Madrasta) já adeptos do Xambá, no terreiro de Arthur Rozendo e Maria das Dores da Silva – Maria de Oyá.

Em 1934 é consagrada e com o falecimento de Maria de Oyá em 1939, assume o Terreiro Xambá - Seita Africana Santa Bárbara, junto com sua irmã.

Donatila Paraíso da Silva (Tia Tila), que era filha de Orixalá e foi consagrada em 1932 por Maria de Oyá com Arthur Rozendo, nasceu em 1912. No terreiro Xambá, em 1934, adquiriu o cargo de Yá Kekere¹⁹.

De 1939 até 1948, foram assistidas por Arthur Rozendo, que faleceu em 16 de novembro de 1948.

Em 14 de junho de 1950, reabre o terreiro em Santa Clara, Olinda, com ajuda do Babalorixá Manoel Mariano.

Mãe Biu faleceu em 1993, e no seu lugar assume a Nação Xambá, seu filho Adeildo Paraíso da Silva – Ivo do Xambá, que continuou os trabalhos da Nação junto com sua Tia Tila, que vem a falecer em 2003.

Mãe Biu ficou conhecida pela sua personalidade singular, uma mistura de sobriedade com sabedoria cativante.

Uma mulher forte e guerreira que com muita simplicidade conseguiu manter acesa a força Xambá no Estado.



Tia Tila

19 – Yá Kekere – Mãe Pequena



DONA SANTA 1877 a 1962

A vida como Yalorixá de Dona Santa é cercada por forte reserva. Poucos dados pessoais são de domínio público. Mesmo seus contemporâneos não ousam revelar o seu cotidiano de dedicação ao Candomblé e ao maracatu.

Nascida no Pátio de Santa Cruz, Boa Vista – também berço dos Maracatus Leão Coroado e Elefante – como filha e neta de escravos, Dona Santa desde cedo participava das congadas, troças e do maracatu.

Sendo o Leão Coroado ligado ao sítio de

Pai Adão, Dona Santa também não fugiu à regra. Consagra-se no Candomblé e reina por alguns anos no Leão Coroado. Ao casar-se com João Vitorino, presidente do Maracatu Elefante, migra para essa agremiação e em fevereiro de 1947, é coroada rainha.

Com a sua viuvez, assume de corpo e alma o Maracatu Elefante.

Conquistou além de campeonatos, a simpatia e o respeito de todos... intelectuais, políticos e o povo curvaram-se a sua soberania e determinação. Símbolo e Mito.

Filha de Oxum da seita Nagô pertenceu

foto: Museu Cidade do Recife



Dona Santa sendo cumprimentada por Gilberto Freyre



ao sítio de Pai Adão, posteriormente ao sítio de Zé Romão.

Pai Adão é um capítulo à parte na história dos cultos no Recife.

Grande e renomado Babalorixá, filho e neto de africanos da Nigéria, foi um severo dirigente.

Tinha a preocupação com as raízes e fontes de sua crença. Viajou por pesquisa e articulação para Lagos, Bahia e Maceió (1906). Foi contra a realização e participação dos seus filhos no I Congresso Afro-Brasileiro, mesmo sendo amigo do organizador do evento, o sociólogo Gilberto Freyre.

Foi fervorosamente contra a difusão dos fundamentos dos santos. Não permitia que sua imagem fosse registrada.

Esta disciplina aliada à perseguição policial rendeu não termos mais elementos sobre as práticas, sua evolução e fundamentos. A intervenção de Agamenon Magalhães jogou-se com todo fervor para liquidar a memória da raça negra em nosso Estado. Pai Adão morreu em 1937, aos 60 anos de idade.

D. Santa atravessou toda essa época praticamente incólume. Ajudou a fundar através de seu filho de santo Pai Eudes a Troça Carnavalesca Mista Rei dos Ciganos, como também pelo mesmo babalorixá, reativou o Maracatu Porto Rico do Oriente.

Deixou documentada a não continuidade do Maracatu Elefante, cujo material foi entregue à Fundação

foto: Katarina Royal



Dona Santa, capa do Mapa Turístico da Cidade do Recife, 1963/1964

Joaquim Nabuco.

Desejo que foi contrariado por Sr. Luiz de França e alguns dos seus filhos de santo e familiares. Seu Luiz convidou Dona Madalena para sucedê-la e resgatou as Calungas.

Dona Santa junto com as amigas Iaiá, Sinhá e Badia, conseguiu sacramentar a Noite dos Tambores Silenciosos, como ritual à memória dos antepassados. Realizada na Igreja Rosário dos Homens Pretos, depois de sua morte foi transferida para o Pátio do Terço.

Maria Júlia do Nascimento, a doce Santa, morreu aos 85 anos, em 1962.



DONA BADIA 1898 a 1991

Badia (Maria de Lourdes Silva) nasceu, viveu e partiu no bairro de São José. Primeiro residiu na rua Augusta, e depois no Pátio do Terço onde até o presente estão guardadas as suas lembranças e segredos.

Muito jovem casou-se, vivendo uma atormentada e violenta relação. Sofreu muito.

Ao ficar viúva reestruturou sua vida e pode voltar-se inteiramente aos fundamentos trazidos da África pela sua família - Sinhá (mãe) e Iaiá (tia).

Badia declarava-se Zeladora do Santo e não Yalorixá, como as demais. Uma prova de sua extrema humildade, mas este fato está ligado à questão dela não ter e não necessitar da consagração²⁰. Mas as características dos seus rituais revelam que Badia pertenceu a um reduzido grupo de pessoas que possuem o Axé de corpo a corpo ou o santo de deixa, ou seja, desde que nasceu, o Axé plantado no ori (cabeça) dos seus antepassados foi transmitido para ela com a mesma força e representatividade já anteriormente consagrada, dispensando-a da repetição dos rituais, exigindo somente as cerimônias de confirmação. Estes fundamentos não existem mais, sobretudo porque era freqüente apenas entre os afro-descendentes diretos.

Conseguiu restabelecer contatos com seus familiares africanos da Nigéria, reforçando os elementos essenciais dos

fundamentos.

Filha de Oxum, como Dona Santa de quem era amiga – antes de ir para o carnaval Dona Santa ia saudar Badia e as tias do Terço.

A Badia e às tias, Dona Santa confiou a continuidade da cerimônia de homenagem e louvor às forças encantadas (Orixás) e aos espíritos dos ancestrais (Eguns), que era feita na porta da Igreja do Rosário dos Homens Pretos.

Seis anos após a partida de Dona Santa, esta cerimônia passou a ser chamada a “Noite dos Tambores Silenciosos” e migrou para a frente da Igreja do Pátio do Terço. Badia, com ajuda de Edvaldo Ramos e do jornalista Paulo Viana, mobilizava os meios rituais e os recursos para realizá-la. Por algum tempo a cerimônia realizada na porta da igreja parecia um auto de louvor como uma encenação teatral, porque a pesada nuvem fria da ditadura militar travava as manifestações afro-brasileiras com a sua volta. Assim, A Noite dos Tambores Silenciosos ficou assimilada ao folclore popular por algum tempo, não oferecendo perigo à lei e à ordem do catolicismo conservador, voltando a ter o mesmo caráter mítico na década de 80, período de maior abertura política.

Costureira requisitada, tanto pelo lado profano como pelo sagrado, Badia contribuiu com a edificação e

20 – Consagração – Ritual para o sacramento de Pai ou Mãe de Santo





foto: PCR/Djair Freire

Dona Badia, Pátio do Terço - 1986

estruturação de vários grupos do mundo carnavalesco do Bairro de São José. Além de clubes, troças, blocos, etc., Badia também ajudou amigos e irmãos de luta contra o racismo e a discriminação, como o poeta e ator Solano Trindade.

Foi várias vezes homenageada pelos carnavalescos e pelo Poder Público. O Rei Momo abria o carnaval depois de receber a sua benção. Políticos, intelectuais e artistas contribuía com a sua luta pela preservação das tradições, assim como adotavam seus conselhos e observações obtidos através dos seus búzios.

Tímida, séria, discreta e simples Badia largou todos os encantos do plano terra para se dedicar inteiramente ao Candomblé Nagô e ao Carnaval recifense.



DONA NIZE 1928 a 1993

Todas as Yalorixás têm suas trajetórias marcadas por longas lutas seja por saúde, por sobrevivência; seja por suas próprias ou alheias dores físicas e espirituais.

Com D. Nize - Nize Beltron Menezes - também não foi diferente. Filha de um médico sanitarista português e comunista com uma Índia Fulniô., D. Nize nasceu no dia 01 de junho de 1928, no Bairro de Campo Grande, conhecido reduto de vários Candomblés.

Vivia doente e foi levada, aos 9 anos, ao terreiro do Babalorixá José do Café.

Lá, descobriu e melhorou dos seus males: era Oyá Gadê chamando-a à missão de Yalorixá.

Com seu José do Café fez seus primeiros fundamentos – Lavar a Cabeça, Obori, Assentamento de Santo. Até os 14 anos ele foi responsável pelo seu bem estar espiritual.

Com o fim da ditadura Vargas e início da de Eurico Gaspar Dutra (1946), quando a perseguição era perene, sobretudo contra os comunistas, as freqüentes prisões do seu pai fez com que ela se casasse com um alfaiate – Luiz Beltron de Oliveira, amigo do seu pai e 25 anos mais velho do que ela. Seu pai morreu em julho de 1946.

Entre os 14 e 16 anos ficou afastada dos rituais, mas como morava perto de um centro kardecista em Olinda, freqüentava-o e procurava manter a sua

missão.

Seu marido era um famoso alfaiate, com um grande ateliê de costura no Bairro de São José. Logo cedo assumiu a gerência do ateliê e foi uma das suas principais modistas.

Aos 20 anos foi mãe pela 1ª vez. Sua beleza, competência e o alcoolismo do marido geram uma crise no seu casamento. Aos 26 anos, foge dele indo morar com uma tia. Vivia de costura e teve como amigas Badia, Iaiá e Sinhá. Aos 28 anos casa-se novamente (Teodoro Pedro da Silva), vai morar no Bairro de São José e retoma seu culto. Adoecendo mais uma vez é levada até D. Betinha que afirma ter ela que concluir suas obrigações. No Pátio do Terço conhece Raminho de Oxossi e Sr. Lula da Mangueira.

Em 1961, com 3 meses da terceira gravidez, recebe a Consagração, a Faca (obé) e o Jogo de Búzios (apesar de já saber por sonhos o jogo com sementes).

Em 1963, abre o seu terreiro em Prazeres. Mais uma vez encontra a repressão. Alguns de seus filhos e clientes são presos ou desaparecidos.

As obras de alargamento da BR em Prazeres transferem seu terreiro para Campo Grande, na antiga Rua das Meninas, hoje R. Marques de Baipendi.

Nos anos 70, a repressão volta-se inteiramente à caça das ações ideológicas. O Candomblé continua no





Dona Nize, manifestação Oxum Taladê - 1969

seu subterrâneo mundo controlado pela polícia. Com a campanha para o Senado (1978), algumas lideranças religiosas procuram o candidato oficial, Dr. Nilo Coelho, que num almoço, no Horto de Dois Irmãos, compromete-se a aprovar uma Lei Estadual que libere os Centros de Candomblés da polícia. Assim, através do deputado estadual Edmir Régis, foi aprovada a Lei nº 7669 de 17/07/78, que autoriza as práticas dos Cultos no Estado. Com Alberto Correia, Vera Fernandes Silva Júnior, babalorixás e adeptos é fundado o IAPOCAUM – INSTITUTO DE ESTUDOS E PESQUISAS

AFRO UMBANDISTAS. O IAPOCAUM foi determinante na promoção do encontro entre os Babás e Yás de todas as seitas, além das várias visitas aos mais importantes centros e filiados para divulgar a nova lei. Em 1986, nova investida contra os despachos de rua foi feita pela polícia. Outra articulação com Jarbas Vasconcelos, então prefeito do Recife, garante e libera a prática de despachos ou Ebós nas ruas da cidade.

A todo este movimento, Nize contribuiu articulando seus amigos Eugênio do Coque, Pai Fausto, Raminho de Oxossi, Pai Edu, Zezinho da Boa Viagem, Maria Aparecida (Mário Miranda) e Lula da Mangueira, entre outros.

Desde a África, as relações entre as seitas sempre foram nevrálgicas. Mas a paciência de D. Nize conseguiu contornar a situação e reuniu numa mesma mesa mais de 100 Centros Espíritas de todo o Estado, realizando um ato de muita força.

Nize Beltron, assim como outras, gostaria que o seu Candomblé fechasse as portas para Grandes Cerimônias. Pediu que devolvesse os Ibás²¹ dos seus antigos filhos, e o que era dela fosse despachado. Após a sua morte, sua ordem não foi cumprida integralmente. Seu filho (Teodoro Pedro da Silva Filho), continuou o culto com outra Folha (Gêge/Nagô) que não durou por muito tempo. Em 2 de julho de 1993, D. Nize

21 - Ibás - Assentamento/Altar dos Orixás.





foto: Vladimir Barbosa

Almoço com lideranças religiosas e políticos - campanha política, 1978

faleceu de complicação renal crônica, e seu terreiro foi reaberto em 1994. Em 2003, seu filho falece com ataque súbito do coração, aos 41 anos de idade.

Atualmente, o terreiro encontra-se com tímidas atividades coordenadas pela viúva de Teodoro Filho.

É prudente lembrar que a maioria dos Axés que concluíram sua missão, e com o desaparecimento das Yás/Babás, tiveram essa determinação contrariada, sua continuidade é difícil e muitas vezes vem acompanhada de fatos trágicos.



D. ROSA BELARMINA 1898 a 1960

*Eu atravessei três rios
com a vela acesa na mão*

*Com o manto azulado
da Virgem da Conceição* bis

*Sou princesa
Sou rainha
La nós pés do meu Jesus
Sou a princesa Sofia
Lá nos pés da santa cruz* bis

*Coroara coroara
Coroara de meu Deus
Quando Deus andou no mundo
Muito aleijado curou
Muitos cegos deu a vista
Coroara aqui estou*

*Maior do que Deus não tem
Maior do que Deus ninguém
Mestre dos mestres
Oh meu Deus
Só existe um que é Deus.*

Estas canções são alguns pontos da sessão de mesa de Jurema, invocadas por Mãe Rosa quando ela incorpora.

Filha de escravos africanos que se fixaram na cidade de Palmares, Agreste Pernambucano, Mãe Rosa veio com sua família aos 9 meses de nascida para o bairro de Tejipió no Recife, aproximadamente no ano de 1898.

Aqui se casou com Albino Diogo dos Santos – um dos continuadores do Maracatu Porto Rico do Oriente, que foi fundado pelos familiares de Mãe Rosa em Palmares.

Com o Sr. Albino teve 21 filhos dos quais apenas 6 sobreviveram (Alexandre, Antonio, José, Maria José, Maria Zulmira e Joana Belarmina, a única ainda viva aparentando entre 80 e 85 anos).

Mãe Rosa era muito jovem (15 ou 17 anos) quando adoeceu e foi levada ao centro de Pai Antonio Gentil do Totó (falecido no final da década de 1920), onde descobriu ser filha de Xangô Fumilaró com Orixalá Guiam e consagrou-se no Nagô.

Foi lavadeira, criava e vendia animais na feira (porco, galinha, pato, etc.); era analfabeta, porém dominava com muita ciência o culto Nagô.



Dona Rosa Belarmina



O medo frente à dura repressão e perseguição do Estado Novo a fez ter pouquíssimos filhos de santo e grande irregularidade nos cultos.

Dona Betinha (Elizabeth de França Ferreira) foi uma das poucas pessoas privilegiadas que ela consagrou e que a ajudou na regularização do seu culto junto à polícia do interventor Agamenon Magalhães.

Mãe Rosa era uma mulher com aproximadamente 1.80 m de altura, de beleza singular, doce e tímida. Tinha um profundo saber atávico, cujo Axé foi multiplicado através de anos por sua fiel seguidora e filha, D. Betinha.

Faleceu com aproximadamente 62 anos de idade, vítima de estágio gravíssimo de diabetes, que gangrenou e provocou a amputação natural de uma de suas pernas.

Segundo sua filha biológica, Joana Belarmina, "Mãe Rosa adoeceu porque teimou com Xangô. Vendeu o porco que seria oferecido para ele no mês de junho. Logo depois adoeceu e em dezembro do mesmo ano faleceu".

Joana ainda nos cantou duas loas do maracatu de sua família, cujo material, segundo ela, foi entregue à Federação Carnavalesca – estandarte, boneca, alguns tambores, penachos e arcos dos caboclos de pena:

*"Tambotá Tambotá ô
Tambotá Tanaiana*

*Gente cadê Porto Rico ô?
Cambinda velha onde anda?"*

*"Você dizia todo dia
que o Oriente não saia"*

Joana, assim como todos os seus familiares, também pertence ao Candomblé Nagô. Filha de Iansã, depois do falecimento de Mãe Rosa, continuou com D. Betinha e com D. Nize. Nunca quis abrir o seu próprio terreiro. O Axé de sua família era forte e complexo, requerendo uma dedicação exclusiva com rígidos padrões de comportamento.

Entre outros membros da família de Mãe Rosa destaca-se outra filha biológica, Maria José e a neta Nêga (Antonietta). Ambas possuíam belíssimos Orixás Oxuns. Ambas faleceram por não obediência aos rígidos preceitos, comentou-se na época. Porém seus Orixás foram responsáveis por grandes recados que ajudaram a vida de adeptos e do Axé no Ylê²² de Yemanjá Sabá de D. Betinha.

Mulheres simples e fortes com uma profunda ciência tanto no ramo dos Orixás, como na Jurema.

Tenho um profundo respeito por todas elas que conheci (tia Maria José, Antonietta, Lourdinha e Zulmira) e conheço ainda – Joana, Nete e Nize.

22 Ylê – Casa, terreiro, templo.





OUTROS REGISTROS

OUTROS REGISTROS

Outro belo exemplo da força das Yás no Recife é o que transcrevo do livro “Xangôs do Nordeste”, de Gonçalves Fernandes, 1937, a partir do relatório do Dr. Pedro Cavalcanti, auxiliar técnico do Serviço de Higiene Mental da Assistência a Psicopatas.

Estas pesquisas tomam início em 1932, no Recife.

A BAIANA DO PINA

“Visitei hoje a seita da “baiana do Pina”. Esta seita não é registrada na Secretaria da Segurança Pública. Chama-se D. Fortunata Maria da Conceição a sua presidente. Recebeu-me desconfiada, porem sabedora das minhas intenções não se fez de rogada para me prestar interessantes declarações. É ela natural da Costa d’Africa, estando já há muitos anos no Brasil, tendo residido no Rio (Morro da Favela), na Baía (Largo do Sapateiro), em Maceió, e enfim no Recife, no Pina. Diz ter 110 anos de idade. É de Nação Nagô e adora Sta. Bárbara. No seu terreiro ha toques todos os sábados e domingos. Foi a iniciadora de mais dois terreiros aqui no Recife: o do finado Gentil, no Totó, e o do seu filho José Gomes da Silva (Néri) no Jacaré. Tem em sua casa (que é muitíssimo enfeitada com bandeirinhas de papel de cor) três grandes oratórios com cerca de 15 imagens de santos católicos, algumas



delas grandes. A “baiana” informou-me não ter nenhuma imagem trazida da costa. Prontificou-se a fazer comigo uma revisão nas palavras africanas que o Serviço conseguiu com pai Anselmo, pois desconfia que deve haver coisa errada. 1-9-1932. (as.) Pedro Cavalcanti. Auxiliar Técnico”.

Também do livro acima citado extraímos a visita do técnico Pedro Cavalcanti ao Terreiro Xambá. Descrevendo com ricos detalhes seus rituais.

NO TERREIRO DE MARIA – UM AGUIRÍ DA COSTA

Sobre a seita africana Senhor do Bonfim, na rua da Mangueira, em Campo Grande, dirigida pela lalorixá Maria das Dores da Silva. Pedro Cavalcanti forneceu ao S.H.M. este relatório:

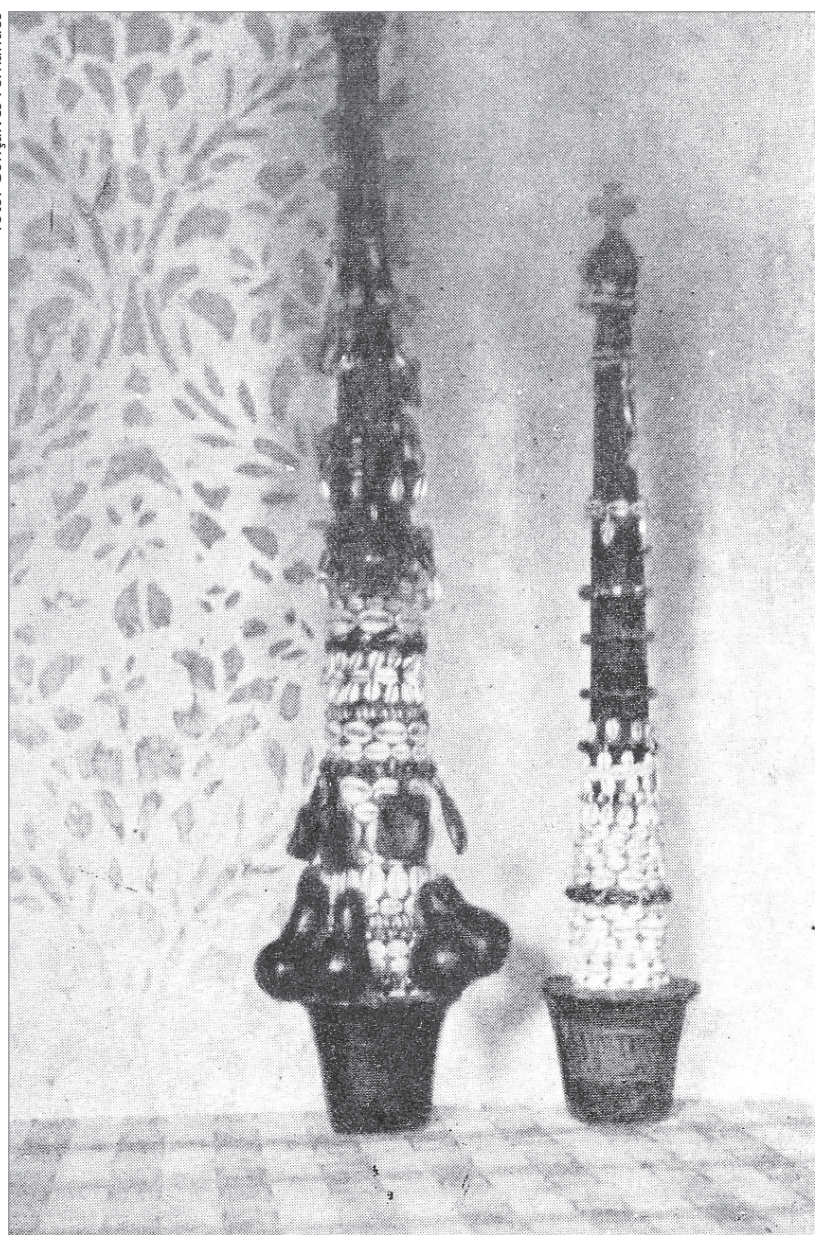
“Esta seita deu uma festinha na noite de 18 e tarde de 19, em homenagem a Santa Bárbara. O toque esteve animado, decorreu na maior ordem e logrou a presença de grande número dos filhos de Mãe Maria”.

Enquanto lá estive não houve nenhuma queda de santo. Em compensação vi uma coisa inédita: parte da cerimônia para “sentar” Oxum. No Pegi encontrei deitada, cabeça recostada à parede, uma mulher que ia se iniciar na seita. Estava de olhos semi-serrados, pálida e bastante suada. Cobria-lhe o corpo um lençol amarelo. No Pegi conversei com Mãe Maria, demorei-me alguns minutos e a mulherzinha não deu acordo de mim. A mãe do terreiro falou: “vai entrar na seita e está aqui para sentar Oxum. Tem que passar algumas horas no Pegi. Está vestida de amarelo porque esta é a cor do santo”. O Pegi de Mãe Maria não se diferencia dos que vimos noutros terreiros. Não tem “santo” de vulto.

Pai Rosendo, de quem Mãe Maria é filha,

estava na festa e, a meu pedido, mostrou-me o Aguirí da Costa pelo qual já enjeitou dois contos de reis. O Aguirí livra de todos os perigos aqueles que o trazem debaixo do braço direito. Mas não só livra como dá sorte também. O Aguirí consta de três pequenas caixas de couro em forma de pentágono, unidas por um cordão. Dentro das caixinhas é que estão os “preparos”... (a.) Pedro Cavalcanti. Auxiliar Técnico”.

foto: Gonçalves Fernandes



Aguirí da Costa



ANEXOS

ARQUITETURA





1,2 e 3 Terreiro Xambá



CERIMÔNIAS E RITUAIS



2



- 1 Ibá de Iansã - terreiro Nagô da Yá Lia Preta
- 2 Consagração de Yalorixá - terreiro Gêge de Pai Ediho de Oyá
- 3 Saída de Oxum - terreiro Gêge de Pai Edinho de Oyá
- 4 Ibá de Oxum - terreiro Nagô da Yá Lia Preta



3



4



INSTRUMENTOS E FERRAMENTAS





1 Atabaques - terreiro Gêge de Pai Edinho de Oyá

2 Adjá - terreiro Gêge de Pai Edinho de Oyá



TRANSE





3

1,2 e 3 Terreiro Xambá



INDUMENTÁRIAS E ADEREÇOS



1 Chifre de búfalo, espada, leque e colar de lansã - Nação Nagô

2 Colares - Nação Xambá

3 Yalorixá Lia Preta com indumentária de ritual

3



OBJETOS DAS MÃES





3

4



1,2,3 e 4 Objetos Museu Nação Xambá



AGRADECIMENTOS

Felizmente temos muito a agradecer.

A todos que ajudaram direta ou indiretamente para que este trabalho fosse concretizado, declaramos nossa imensa gratidão.

Também agradecemos aos que não acreditaram, pois estimularam ainda mais esta conquista que acima de tudo é para todos.

Entre amigos e companheiros, queremos agradecer profundamente a:

Zélia Ramos Sales, diretora da Gerência Operacional de Formação Cultural e a Lindivaldo Júnior, coordenador da Diretoria de Igualdade Racial, ambos da Prefeitura do Recife.

Aos colegas e companheiros da Fundação de Cultura Cidade do Recife e em especial a Carmem Lélis, Cristina Simão, Manoel Constantino, Nice, Zezé, Graça Xavier, Gabriela Severien, Alfredo Borba, Lúcia Rodrigues, Isabel Leão, José Monteiro, Leonor Mezel e ao pessoal da biblioteca de Afogados.

Aos queridos e especiais amigos:

Amanda Barroso, Lia Preta e Solon, Geraldo Barroso Filho, Giorgi de Marchi,



Gianni de Polo, Marta Naíra, Adeílido Paraíso, Edinho de Oyá, Alexandre de Oxum, André Gérard, João Monteiro (Lin), Michele Zolini, Paulo Vicente, Antonio Farias, Viola, Alberto Correia, Luiz Lourenço, Arthur Emílio, Bráulio Brilhante, Edinho Moraes, Valdemir Araújo (Charque), Adão Pinheiro, Jorge Waquim, André Édipo, Ronaldo Moraes, Emiliano Dantas, Rejane, Thaís, Flaviano e Célia, Sylvie Dauvillier e Xavier Lemmetre, Edvaldo Ramos, Maria Lúcia Soares, Christian Delon, Luiz Felipe de Lima e Hilton Fernando Losant, Anderson Guedes, Joana Belarmina, Tiago Amorim, Rosinete (Maracatu Elefante), Luís de França (Maracatu Leão Coroado), Raquel, Reinaldo e Beta, Sérgio Diniz, Pio Figueirôa, Ricardo e Dona Elda (Maracatu Porto Rico), Marisa Varella, Dr. Francisco Sales, Evandro Mesquita, Luciano Monteiro, Pedro Américo, Sr. Mago e Jael, José Amaro dos Santos, Linaldo Batista, Priscila Melo, Joana Rodrigues, Dona Ivanize, Gaspar Andrade, Erasto Vasconcelos, Daniela Gouveia, Carlos Pinheiro (Cacá – UFPE), Jomard Muniz de Brito, Tony e Renata Tomé.

Aos amigos da Fundarpe:

Bruno Lisboa, Zé Carlos Viana, Geraldo Pinho, Betânia Araújo, Jaime Galvão, Edilene.

Agradecemos imensamente à equipe Flamar, pela paciência e competência.

Saudamos os encantados:

Exú Tiriri e Exú Sete Montanhas; Ogum Xorokê, Nanã Buruku, Oyá Gadê, Oxum Taladê, Xangô Tayó, Yemanjá Sabá.

Saudamos os antepassados:

Mestre Campo Verde, Mestra Yakaian, Mestra Samba, Mestra Maria Rio Verde, Dona Brisa, Sr. Ventania e Três Puzinhos.



BIBLIOGRAFIA

A. RAMOS, As culturas negras no Novo Mundo, Biblioteca da Divulgação Científica, Vol. XII, Ed. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1937

H. FICHTE, Etnopoesia – Antropologia Poética das Religiões Afro-americanas, Ed. Brasiliense, São Paulo, 1980

CARYBÉ, As sete portas da Bahia, Ed. Record, Rio de Janeiro, 1976

J. RODRIGUES DA COSTA (Tata Nitamba Tarangue), Candomblé de Angola – Nação Kassanje, Ed. Pallas, Rio de Janeiro, 1989

M. RODRIGUES DA SILVA, O Negro no Brasil – História e desafios, Série Vivências, Ed. FDT, São Paulo, 1987

M. CORREIA DE ANDRADE, O Brasil e a África, Repensando a geografia, Ed. Contexto, São Paulo, 1989

R. LODY, Santo também come, Ed. Pallas, Rio de Janeiro, 1998

L. DE MELLO E SOUZA, Inferno Atlântico – Demonologia e colonização séculos XVI-XVIII, Ed. Cia das Letras, São Paulo, 1993

J. ELBEIN DOS SANTOS, Os Nagô e a



morte – Pàde, Àsèsè e culto Égun na Bahia, Ed. Vozes, Petrópolis, 1986

C. ABDON E SUELI CARNEIRO, O poder feminino no culto aos orixás, Revista de cultura, Ed. Vozes, São Paulo, 1990

C. BECKWITH et A. FICHER, Cérémonies d’Afrique, Ed. de la Martinière, Paris, 1999

G. FERNANDES, Xangôs do Nordeste – Investigação sobre os cultos negro-fetichistas do Recife, Ed. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1937

H. ARAÚJO, Maracatu Leão Coroado, Col. Recife, Fundação de Cultura da Cidade de Recife, Recife, 1989

SECRETARIA DE CULTURA, TURISMO E ESPORTE, Brincantes, Depto de documentação e formação cultural da Cidade do Recife, Col. Malungo, Recife, 2000

O. RODRIGUES DE MORAES VON SIMON, Reflexões de uma sociologia sobre o uso do método biográfico, 1º Encontro regional de História oral / Sudente – Sul / (Re)Introduzindo a História oral no Brasil, USP, São Paulo, 1996

R. LODY, Um testemunho do Xangô pernambucano, Coleção Afro-brasileira, Governo do Estado, Secretaria de Turismo, Cultura e o Museu do Estado do Pernambuco, Recife, 1983

H. M. MATTOS DE CASTRO, Os desafios contemporâneos da História oral – Memória do Cativo : etnicidade, classe e gênero nos acervos orais de descendentes de escravos, Centro de

Memória, UNICAMP, São Paulo, 1997

A. ARGÜELLES MEDEROS et I. HODGE LIMONTA, Los llamados cultos sincréticos y el espiritismo, estudo monográfico sobre su significación social en la sociedad cubana contemporánea, dep. de Estudios Sociorreligiosos, Centro de Investigaciones Psicológicas y Sociológicas, Ed. Academia, La Habana, 1991

J.-M. TURNER, Manipulação da religião – O exemplo afro-brasileiro, Cultura n° 23, p. 56-63, 1976

F. ROHDEN, Feminismo do sagrado – Uma reencenação romântica da diferença, Estudos feministas n° 1, pag. 96-116

R. PRANDI, Deuses africanos no Brasil contemporâneo, Horizontes Antropológicos.

P. F. VERGER, Orixás, Ed. Corrupio, Bahia, 1986.

